

Estudos sobre a arte caricatural na cidade do Rio Grande

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Estudos sobre a arte caricatural na cidade do Rio Grande





CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Estudos sobre a arte caricatural na cidade do Rio Grande



Cátedra CIPSH
de Estudos Globais

2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Estudos sobre a arte caricatural na cidade do Rio Grande
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 89
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2024

ISBN – 978-65-5306-033-3

CAPA: O AMOLADOR, 12 abr. 1874; MARUÍ, 11 jan. 1880; e BISTURI, 27 jan. 1889.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

SUMÁRIO

Os primórdios da imprensa ilustrada e humorística na cidade do Rio Grande / 11

Um inseto díptero na imprensa rio-grandina: o surgimento do *Maruí* / 45

O *Bisturi* e a oposição ao *Eco do Sul* à época imperial: um confronto imagético / 69

O bobo da corte como representação redacional do *Bisturi* no nascedouro da forma republicana de governo / 95

Os primórdios da imprensa ilustrada e humorística na cidade do Rio Grande

A associação entre a imprensa periódica e a criação caricatural constituiu um fator de sucesso na conquista do público leitor para o periodismo ilustrado-humorístico. A caricatura é não convencional, descomprometida e irreverente e veio a popularizar a sátira e se revitalizou sob a influência das novas técnicas de impressão. Em termos artísticos, a peculiaridade da caricatura está na sua capacidade de tornar o óbvio ridículo, vindo a sobreviver em quaisquer circunstâncias, destacando-se toda vez que uma sociedade, qualquer que seja o seu grau de cultura, é surpreendida por uma violação de expectativa, que reverte conquistas políticas, morais, sociais e econômicas¹. Esse processo desencadeou-se no Brasil, com ênfase às publicações do Rio de Janeiro, mas se espalhou também por várias das localidades do país, dentre as quais, a cidade mais meridional que contou com esse gênero jornalístico, que foi a do Rio Grande².

¹ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo: século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 64.

² Texto ampliado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Caricatura, simbolismo e representações no Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: FURG, 2012. p. 19-28.

A cidade do Rio Grande, durante o século XIX e parte da centúria seguinte foi uma das mais importantes no contexto sul-rio-grandense. Progressivamente se afirmou como o maior entreposto comercial sulino, dando vazão à produção gaúcha, mormente a oriunda da atividade charqueadora, e constituindo a “porta de entrada da província”, no dizer de um cronista francês. Os avanços econômicos permitiram um aprimoramento cultural na urbe, ainda mais devido à presença do porto, por onde não entravam e saíam apenas mercadorias, mas também pessoas em geral, artistas, ideias, livros e jornais. A partir de tal perspectiva, a imprensa encontraria fértil espaço para desenvolver-se na comuna portuária, a qual foi, na conjuntura gaúcha, uma das primeiras a contar com atividades jornalísticas e na qual circularam alguns dos mais longevos periódicos sul-rio-grandenses.

Nesse sentido, a imprensa rio-grandina foi quantitativa e qualitativamente uma das mais relevantes nos quadros do Rio Grande do Sul, sendo possível conjecturar que nela se praticou um “jornalismo de ponta” para os padrões brasileiros de então. Pela cidade circularam os mais variados gêneros jornalísticos, desde os tradicionais diários, passando por pasquins, noticiosos, literários e folhas representantes de determinados segmentos socioeconômicos e político-ideológicos. Outro gênero que contou com ampla aceitação na cidade foi o da imprensa ilustrada e humorística voltada à divulgação da arte caricatural, de modo que, a partir dos anos setenta, até o final do século XIX, foram poucos os momentos nos quais não tivesse havido ao menos um caricato sendo publicado na urbe.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

A gênese do jornalismo caricato rio-grandino se daria através de *O Amolador*, objeto de pesquisa deste estudo.

Nessa linha, um dos gêneros jornalísticos que maior popularidade atingiu ao longo da segunda metade do século XIX foi o da imprensa caricata. Através de suas mensagens visuais carregadas de sarcasmo e de teor marcadamente irônico e de seus textos de caráter opinativo e crítico, os periódicos caricatos refletiram o *modus vivendi* da sociedade e as transformações pelas quais passava no transcorrer desse período. A incorporação da imagem ao jornalismo constituiu-se em um considerável fator de popularização dessas folhas, possibilitando o acesso até aos que não possuíam a capacidade da leitura. Por meio de imagens pejadas de ironia e simbolismo, associadas e/ou complementadas por escritos da mesma natureza, as publicações caricatas tiveram na prática de um humor direto e incisivo um dos elementos sociais que marcaram o seu norte editorial³.

Foi na imprensa caricata que o desenho de humor envolveu mais o seu consumidor e forjou seus horizontes históricos, uma vez que os meios impressos adquiriam para a caricatura um conteúdo próprio, natural e obviamente original⁴. Esses jornais proliferaram e, por meio do humor, da ironia e da crítica, conferiram um colorido mais vivo e um ritmo mais

³ ALVES, Francisco das Neves. A imprensa. In: *História geral do Rio Grande do Sul - Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 2. p. 360-361.

⁴ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1990.
v. 1. p. 129.

alegre⁵ à conjuntura da imprensa de então. Tal periodismo tinha seus alvos preferenciais e, ao lado da crítica social e de costumes, os hebdomadários caricatos esmeravam-se na crítica de natureza política e às próprias atividades jornalísticas⁶. A imprensa ilustrada também, de modo geral, criou nos leitores o hábito de consumo de “imagens noticiosas”, pois, antes que melhorias técnicas permitissem a reprodução de fotografias, tais folhas traziam imagens com a reprodução de pessoas e fatos, bem como mapas e paisagens⁷.

No Brasil do século XIX, a fruição da imagem era prazer de poucos, pois obras de arte, quadros e pinturas se encontravam nas mansões e o acesso aos raros e preciosos livros ilustrados era restrito e, nesse contexto, as publicações ilustradas causaram impacto no país⁸. A leitura das publicações humorístico-ilustradas chegava a ser um processo coletivo, uma vez que a pessoa que adquiria o periódico, por vezes, dedicava-se a promover a sua leitura a um grupo maior que desfrutava das tiradas engraçadas e satíricas presentes nos textos e, principalmente nos desenhos⁹. Essa popularidade levaria algumas folhas caricatas da Corte a ser distribuídas não

⁵ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13.

⁶ ALVES. 2006. p. 361.

⁷ ROMANCINI, Richard & LAGO, Cláudia. *História do jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007. p. 63-64.

⁸ MOREL, Marco & BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 66.

⁹ LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jéca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 154.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

só no Rio de Janeiro, mas também em várias das províncias e nas principais cidades do interior, com assinatura por toda parte¹⁰.

A evolução da imprensa caricata no Brasil coincidiria, em grande parte, com a época pela qual a monarquia começava a sentir as sucessivas crises que viriam a engolofá-la¹¹, redundando na mudança na forma de governo. Era uma época prenhe em contestações a várias das estruturas nacionais e muitos dos jornais participaram ativamente nas diversas campanhas que exaltavam os ânimos e envolviam os jornalistas nas paixões que provocavam¹². Dessa forma, a caricatura brasileira nasceu de “ventre de leoa”, prenunciando veementemente o alvorecer de uma arte que atingiria os cémos no correr das décadas seguintes, na luta contra várias das instituições imperiais¹³. Assim, o jornalismo caricato se espalhou pelo país, chegando a diversas de suas províncias, inclusive a do Rio Grande do Sul, na qual viria a florescer na capital provincial, Porto Alegre e nas cidades de Pelotas e do Rio Grande.

No contexto rio-grandino, a imprensa humorística e ilustrada cumpriu muito a contento o papel de representante da pequena imprensa. Apesar da sobrevivência em geral curta e da periodicidade não-

¹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 217.

¹¹ TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976. p. 12.

¹² CARDIM, Elmano. *A imprensa no reinado de Pedro II*. Petrópolis: s/editora, 1970. p. 15.

¹³ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. p. 173.

diária e/ou irregular dessas folhas, elas circularam de forma praticamente ininterrupta ao longo do século XIX, marcando sua presença e refletindo a própria formação histórica citadina. Nesse sentido, o período entre 1874 e 1893 representou o momento áureo da caricatura na cidade do Rio Grande, quando foi mantida, quase sem interrupções, a circulação de periódicos caricatos, que continuaram existindo em época posterior, não passando, porém, de tentativas escassas e esporádicas de manutenção desse tipo de publicação¹⁴. Dessa maneira, periódicos do gênero caricato, como os que, naquela centúria, se publicaram e gozaram de larga popularidade na capital da província, também viriam a circular com igual aceitação naquela cidade portuária, e os que aí surgiram, no último quartel do século, não fariam papel secundário, tanto do ponto de vista crítico, como literário e artístico, ao lado dos semanários humorísticos e ilustrados que em Porto Alegre os precederam ou lhes foram contemporâneos¹⁵. Dentro desses periódicos, o *Amolador* viria a ser o precursor.

O *Amolador* surgiu a 5 de abril de 1874, constituindo a primeira experiência do gênero caricato praticada naquele nem sempre pacato porto marítimo. Não chegaria a ser um semanário de grandes proporções, apresentando o formato de 32cm X 22cm e dispondo de oito páginas, metade de textos e outra metade de desenhos. Para a época e o meio, entretanto, já era um periódico de encher os olhos e também de esvaziar a bolsa, pois seu número avulso custava 500

¹⁴ ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999. p. 56 e 167.

¹⁵ FERREIRA, 1962, p. 153.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

réis, e a assinatura trimestral, 5\$000, na província, e 6\$000, fora dela. Pode-se presumir que sua tiragem fosse significativa porque, sem a base sólida do anúncio, raríssimo em suas colunas, da circulação da folha é que sairia a seiva para alimentação da empresa que tinha tipografia própria instalada à Rua dos Príncipes, nº. 122, funcionando a redação nos altos do mesmo prédio¹⁶.

O hebdomadário caricato teve, inicialmente, Gaspar Alves Meira como diretor e proprietário, funções posteriormente passadas a João Alves Ferreira e o principal responsável pelos desenhos foi Pedro Mozer. O administrador da publicação, Alves Meira, nasceu e foi criado na Corte e parecia já afeiçoadão lá ao jornalismo caricato e, ao radicar-se na província sulina, tratou logo de dar emprego a seus pendores. Em sua arte, não lhe faltava jeito para a profissão, e, conquanto o ambiente não fosse tão rico de assunto como o da metrópole de onde provinha, sua verve espontânea acharia onde aplicar-se. No que tange à parte literária da folha, o redator era em geral açucarado, ao passo que, em suas seções ilustradas se conduzia com bastante desembaraço. Por desentendimentos com autoridade local a propriedade do *Amolador* foi passada ao funcionário Alves Ferreira, em março de 1875. Em relação à elaboração dos desenhos, Pedro Mozer era mais litógrafo que caricaturista, esforçado, sem dúvida, porém curto de recursos em um gênero que requeria qualidades singulares para merecer as honras do aplauso. Também trabalharam no semanário Alfredo Pitrez, Henrique Gonzales e Thadio Alves de Amorim, sendo que este último viria a ser um dos mais

¹⁶ FERREIRA, 1962, p. 153-154.

destacados caricaturistas no contexto local e provincial/estadual¹⁷.

Como o primeiro caricato rio-grandino, *O Amolador* inaugurava a tradição desse gênero de imprensa no uso do humor mordaz e da crítica ferrenha, buscando “amolar” as pessoas ou circunstâncias que julgassem merecedoras, através de seções incisivas até nos títulos, como as “Alfinetadas” ou “Pancadinhas de amor não doem”. Criticava, assim, a política, os costumes, alguns dos problemas urbanos da cidade e aquilo que considerava como “desvios” morais e sociais. Em 17 de maio de 1874, publicava um acróstico, tomando por base as letras que compunham seu título, que bem delimitava suas finalidades, prometendo lançar alfinetadas por meio de seus desenhos, e, com bamboleio e pilhérias mandar lufadas aos hipócritas e velhacos. Era o seguinte o conteúdo dos versinhos:

*Assim como o mosquito e o caipira
Malhando em ferro frio sempre estão
O amolador grande proveito disto tira
Lançando alfinetadas a “crayon”
Assim como D. Quixote, lança em riste,
De vento, os moinhos arrasou
O amolador com o rebolo e muito chiste
Rajadas aos tartufos já mandou.*

A circulação de *O Amolador* já causou repercussões na comunidade portuária desde a sua gênese, como ficou demarcado na imprensa diária rio-grandina. *O Comercial* optou por um informe protocolar quanto ao novo semanário, destacando que, sob o título

¹⁷ FERREIRA, 1962, p. 154-159.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

de *Amolador* “saiu um jornal caricato, bem litografado e com regular impressão”, todavia dizendo “que apresentará em breve outros melhoramentos, que o tornarão um jornal interessante e recreativo”. Enfatizava ainda que “a sua tiragem foi de quatrocentos exemplares, que nos conta terem sido bem aceitos do público” (O COMERCIAL, 6-7 abr. 1874).

Já a recepção do *Eco do Sul* foi bastante crítica em relação ao novel hebdomadário ilustrado-humorístico, tanto que a nota que trazia a notícia do aparecimento tinha por título “Por demais”. Primeiramente, o diário informava que se “distribui domingo um pequeno periódico, que se diz crítico e ilustrado com caricaturas litografadas”, sendo “propriedade de Gaspar Alves Meira, intitulado o *Amolador*”. A censura do *Eco* para com o novo semanário advinha da postura de defesa de um militar, que teria sido atacado pelo satírico-humorístico, afirmando que “não nos importaríamos com semelhante papel, se ele em seu primeiro número, em linguagem rasteira, entre outras pessoas”, não tivesse injuriado “covardemente o honrado Sr. tenente-coronel Boaventura da Costa Torres,unicamente porque esta digna autoridade mandou fechar uma casa de jogo que aquele Meira tinha na Praça S. Pedro, e da qual vivia!...”. (ECO DO SUL, 7 abr. 1874).

Nessa linha, o *Eco do Sul* buscava esclarecer que “o nosso reparo não chega ao ponto de *defendermos* um cavalheiro honesto da lama com que o querem salpicar”, pois isso “seria descer muito e para não chegarmos até lá, socorremo-nos das palavras de um escritor que bem pode ser agora aplicadas”. Segundo tal percepção, era “convicção profunda que os homens faltos de sentimento não ofendem quando insultam”, já que “não

se lhes pode pedir a razão da infâmia, porque não a reconhecem como tal” e “identificaram-se com ela”. A argumentação em pauta considerava que “discutir com eles, sabendo-se que estão em guerra aberta com a honra e a verdade, é não se prezar”, e ainda “é confessar que tem em pouco os seus próprios brios”, contribuindo “poderosamente para o rebaixamento da imprensa, e para o abatimento dos partidos políticos, que não podem ganhar com essas lutas dos lupanares”. Diante disso, o *Eco* afiançava que, “em discussão séria e com imprensa moralizada, nossos amigos serão defendidos” (ECO DO SUL, 7 abr. 1874).

Lançando mão mais uma vez da citação, o *Eco* apontava que, “enquanto a imprensa degradar-se” e “alimentar-se da mentira e da torpeza, longe de ser o fanal da moralização e civilização de um povo” e “o crisol do seu progresso”, ela seria “antes o seu elemento destruidor, a causa latente da sua corrupção”. Para tanto, argumentava que, a “cada dia que se passa, mais uma prova se acumula pra mostrar que é mister uma lei que regule o uso legítimo e livre da imprensa, obstando o seu abuso”. Demarcava assim a necessidade de “uma lei de responsabilidade da imprensa, que garanta o homem de bem” contra os “ataques infames de miseráveis que tão baixos só encontram meios de subir fazendo imaginariamente descer caráteres ilibados”, procurando “manchar com sua baba venenosa” os seus alvos em potencial. Considerava que tal providência não poderia ser adiada, pois, caso contrário, o legislador estaria a “cometer um crime de lesa-nação, de lesa-moralidade”. De acordo com tal perspectiva, detalhava que não haveria “homem de Estado”, nem “vultos políticos que não tenham sido pela imprensa açoitados

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

por verrinas de todo o gênero e cuja honradez não se tenha procurado nodoar a todo o transe". Diante disso, constatava que, "nesta marcha, se não houver uma medida eficaz, senão se opuser uma barreira, os nossos vindouros, percorrendo o jornalismo dos últimos tempos do século atual", teriam "de cobrir o rosto, corridos de vergonha, e ocultar os nomes dos seus progenitores, que hajam ocupado altos cargos políticos e de governo" (ECO DO SUL, 7 abr. 1874).

Perante a postura de *O Amolador*, a publicação diária rio-grandina mostrava uma posição desafiadora, garantindo que, "se por um lado estamos dispostos a não darmos cavaco sério a essas diatribes, por outro estamos dispostos à luta em qualquer terreno", de maneira a "desmascararmos a comandita oculta que move a máquina, pertencendo a ela râbulas, procuradores velhacos ou quem quer que seja". Anunciava que, na insistência do adversário, "não haveria reservas, nem considerações, nem escolha de linguagem". O *Eco* tornava-se enfático em sua reação, ao demarcar que não deveria ser provocado, pois não teria "medo, seja de insultos e difamações, seja de ameaças, seja de capangas comprados", uma vez que também teria "os mesmos meios para responder *olho por olho, dente por dente*", indo "aos chefes, aos bandidos hipócritas, que passam por homens de bem". Ao final, mantendo a ação de desafio, o jornal diário rio-grandino sentenciava que "o nosso procedimento há de ser pautado pela maneira porque conosco procederem" (ECO DO SUL, 7 abr. 1874).

Tais reações, de acordo com a linha editorial do semanário, evidenciavam que, se a literatura amena e as suas engraçadas charges agradavam em geral a um

determinado público, a sua seção de “Alfinetadas” arranhava a alguns figurões visados com frequência pela pena de seu redator-proprietário. O próprio jornalista reconhecia que não raro ia além das medidas convencionais, tanto com suas piadas quanto com os calungas devidos ao esforçado lápis de Mozer, mas inspirados em sua vigilante malícia. Nesse sentido, Alves Meira chegaria a afirmar que os seus “pequeninos desafetos” não conseguiriam impedir a marcha do “pobre atleta”, que tão modestamente se apresentara, pedindo apoio à sociedade rio-grandense que qualificava como ilustrada e generosa. O responsável pela publicação buscava justificar que se o periódico tivesse sido ferino algumas vezes, fora só com aqueles que lhe deram motivos para que fossem empregados certos desenhos e alfinetadas em referência a quem, a seu ver, merecia ser ridicularizado (AMOLADOR, 28 jun. 1874). Entretanto, para Gaspar Alves Meira, infelizmente, nem todos os seus desafetos eram “pequeninos” como ele propalava, tanto que não raro ele se veria envolvido em cenas desagradáveis, inclusive com a polícia local¹⁸.

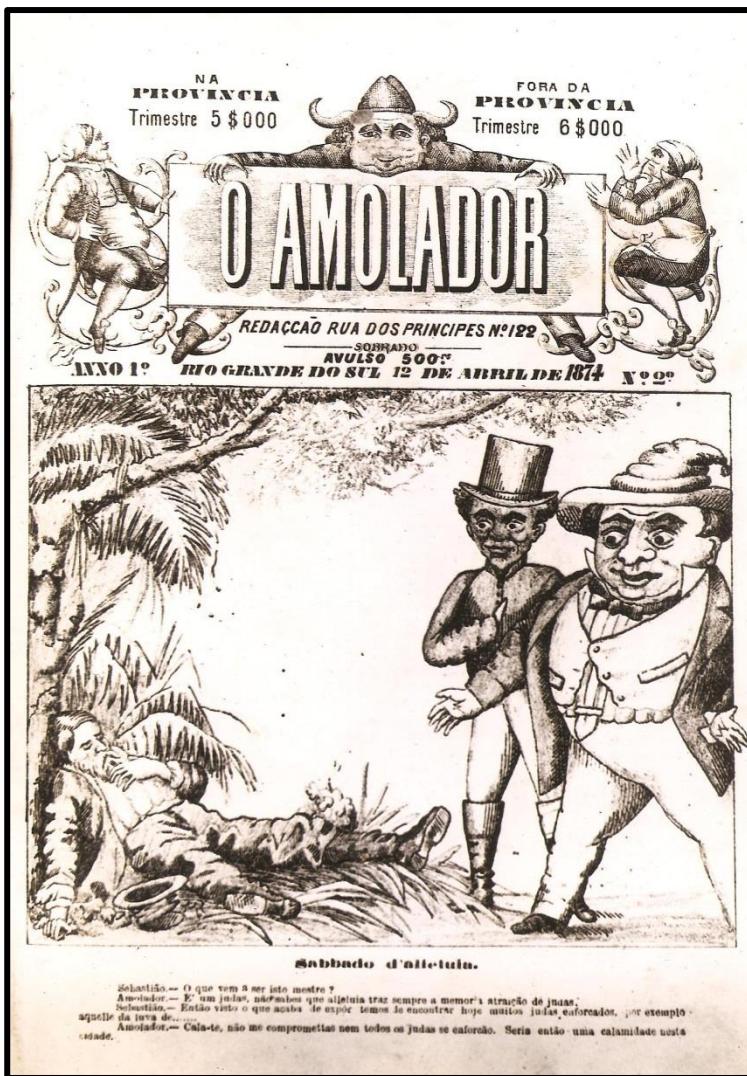
Mantendo o espírito crítico e reservando a si um caráter moralizador da sociedade, o hebdomadário lançava críticas em muitas direções. Nessa linha, o periódico atacava o libertino, cuja moral descaiu na lama (AMOLADOR, 12 abr. 1874). Fazia o mesmo com a menina namoradeira, comparada à rosa que, a cada namorado, perdia uma pétala, restando ao marido os espinhos; e com a mulher leviana, apresentada como uma luva que chegava em todas as mãos (AMOLADOR,

¹⁸ FERREIRA, 1962, p. 156.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

19 set. 1874). Acusava também os males das enchentes (AMOLADOR, 10 maio 1874) e dos assaltos (AMOLADOR, 21 jun. 1874) na cidade. A exemplo da maior parte da imprensa caricata de então, manifestava forte tendência anticlerical e apresentava ferrenhas críticas aos políticos e aos homens públicos em geral.

A primeira publicação ilustrado-humorística riograndina seguiu uma das características comuns à imprensa caricata de então, apresentando personagens que simbolizavam seu corpo redatorial. Como exemplos, a carioca *Semana Ilustrada* (1860-1876) trazia o “Dr. Semana” e o “Moleque”, ao passo que a porto-alegrense *A Sentinel do Sul* (1867-1868), estampava o “Redator” e o “Piá”, figuras vinculadas ao redator e seu auxiliar. O semanário da cidade portuária sulina, por sua vez, tinha a sua redação representada pelo próprio “Amolador”, um homem mais maduro e o “Sebastião”, o mais jovem, cada qual designando as duas faces do caráter joco-sério das publicações caricatas. Em uma dessas incursões, os dois personagens discutiam sobre a prática da malhação do Judas, preferindo omitir o nome do implicado em questão (O AMOLADOR, 12 abr. 1874). A cavalo e de cartola à mão, “Amolador” e “Sebastião” saudavam o público leitor, ao chegar em sua terceira edição (O AMOLADOR, 19 abr. 1874). Já em outra gravura, debatiam os comentários jornalísticos acerca das disputas político-partidárias da época (O AMOLADOR, 24 maio 1874).



ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



Saudação.

Eis nos no terceiro numero do nosso jornal, que tanto gosto agrurára e que garantia que não parceriamos nôdia de hoje, . . . felizmente aqui estamos e bem montados, sôndando nos nossos favorecedores o peitudo descabido por apresentarmos a nossa calva, por nos ter esquecido o *rdq* e nô casa; garantimos que nôviro como chega nômico 3º numero, chegaremos ao 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º, 12º e 13º.

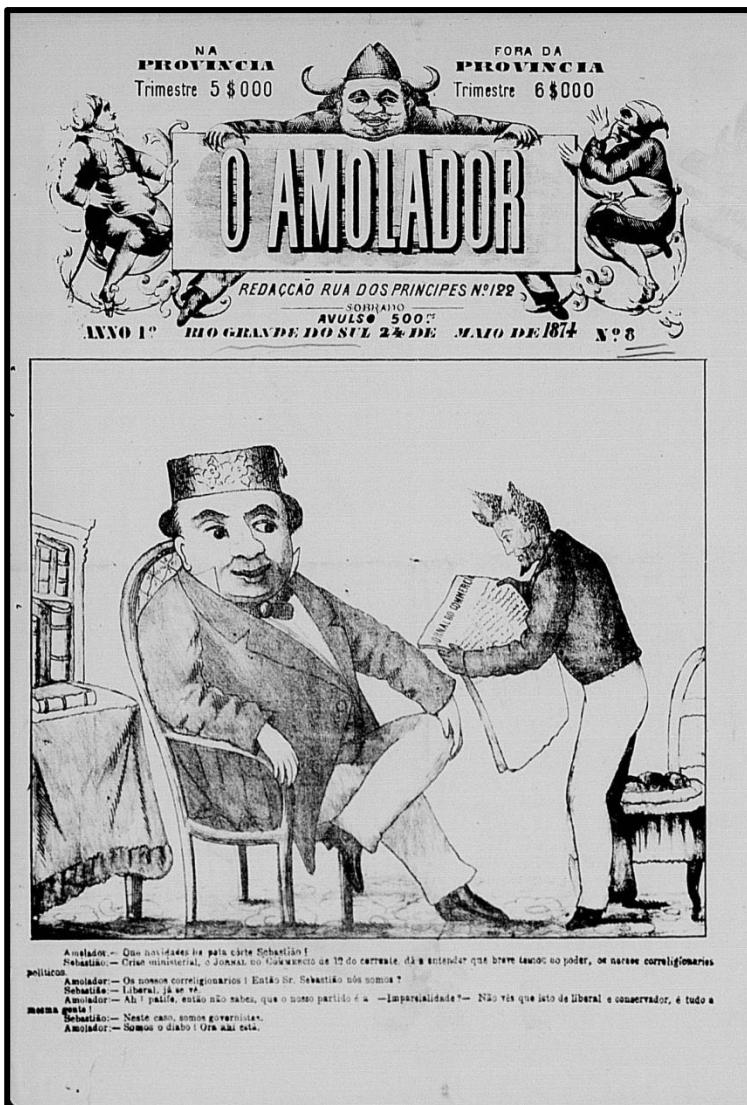
Sebastião: — Basta mestre quo shi se fonda o trimestre, e de pôs?

A molador: — Com o favor de Deus, e a protecção de nossos favorecedores, proseguiremos.

Página ilustrada d'*O Amolador*. Desenho de Pedro Mozer — 1874.

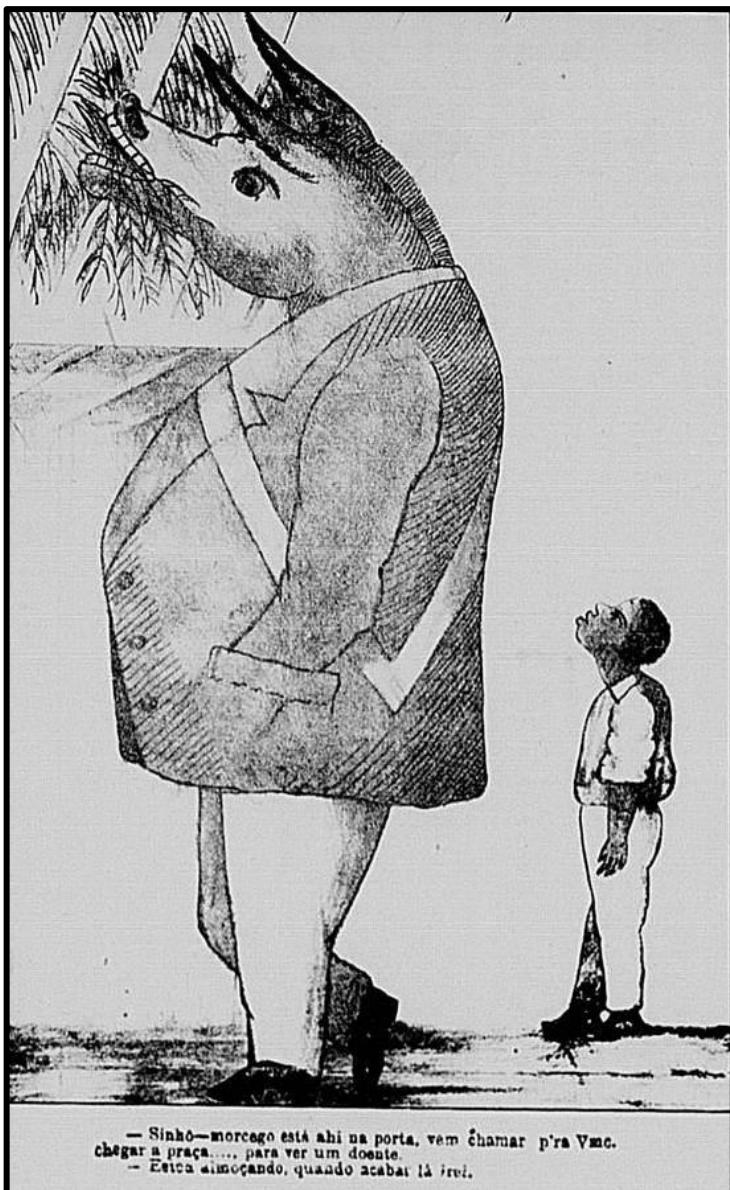
(figura extraída de FERREIRA, 1962)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



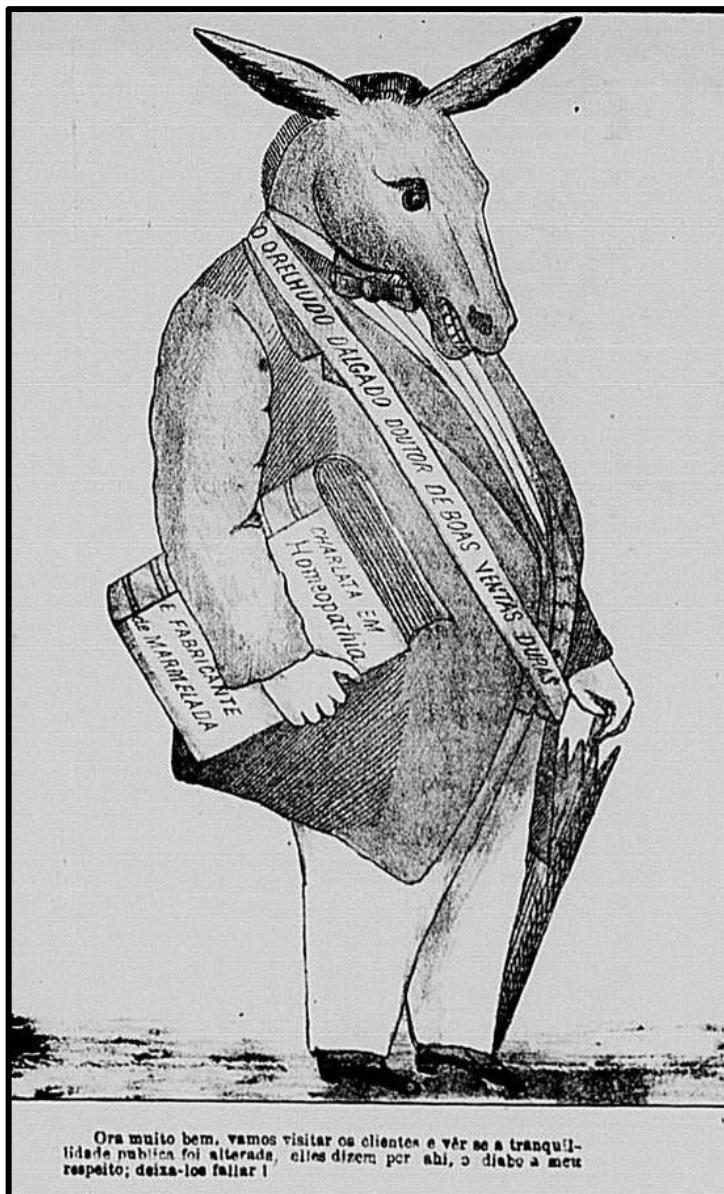
ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

As incisivas críticas sociais expressas por *O Amolador* destinavam-se a vários dos elementos constitutivos da localidade, como ao mostrar um suposto médico, cuja capacidade era questionada. Nesse caso, o clínico era metamorfoseado, adquirindo um padrão zoomórfico e antropomórfico, com cabeça de burro e corpo de homem, imagem associada em geral à falta de inteligência. Na primeira caricatura, o personagem aparecia almoçando uma planta, tal qual faria um burro, ao passo que, na outra, encaminhava-se para o trabalho, no sentido de “visitar os clientes”, aparecendo com um “doutor orelhudo” e de “ventas duras”, em referência ao animal que estaria a designá-lo, enquanto o livro que levava sob o braço direito, fazia referência ao seu charlatanismo, além de caracterizá-lo como “fabricante de marmelada”. O olhar moralizador do periódico recaía também sobre o cotidiano e os costumes, como ao criticar os açougueiros, quanto à qualidade e ao preço de seu produto. O tratamento dado aos passageiros nas travessias marítimas, serviço fundamental em uma cidade portuária, também foi alvo das apreciações do hebdomadário, mostrando um viajante encorpado e outro magérrimo, revelando os serviços prestados pelas diferentes embarcações. O pouco crédito para com as promessas de melhores condições de vida, realizadas por meio de jornais, era também expresso pela folha ilustrada rio-grandina (*O AMOLADOR*, 24 maio 1874).

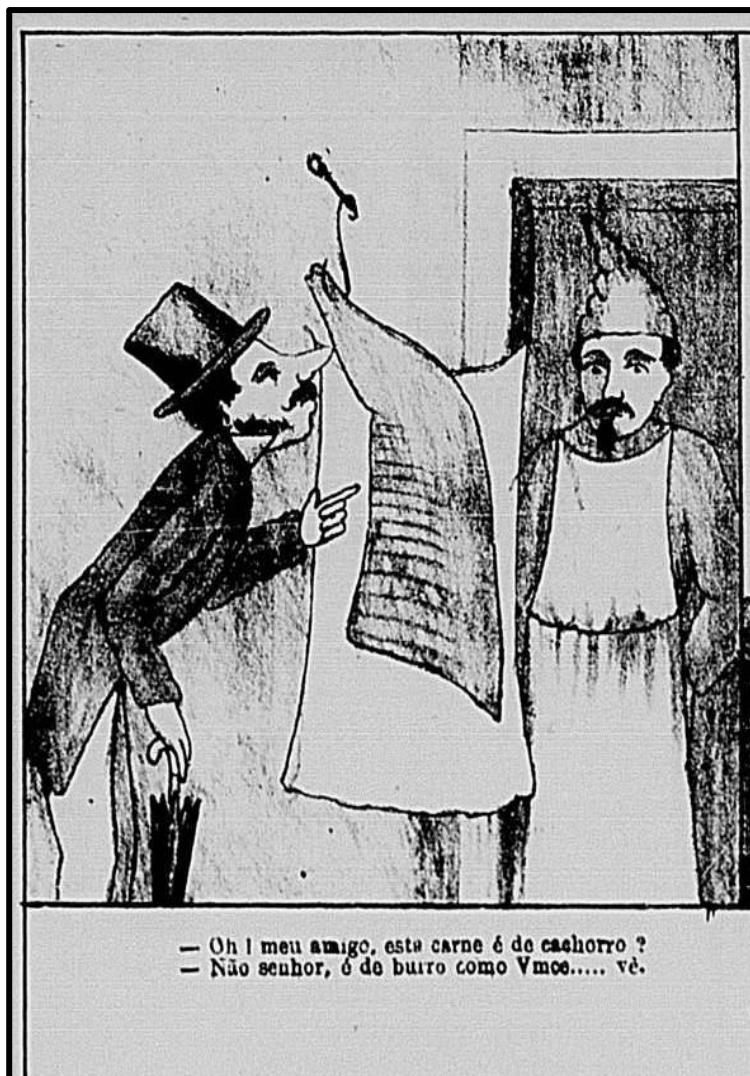


— Sinho — morcago está ahi na porta, vem chamar p'ra Vmc.
chegar a praça..... para ver um doente.
— Esse almoçando, quando acabar lá fui.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



Ora muito bem, vamos visitar os clientes e ver se a tranquilidade publica foi alterada, elles dizem por ahi, o diabo a meu respeito; deix-a-los falar !

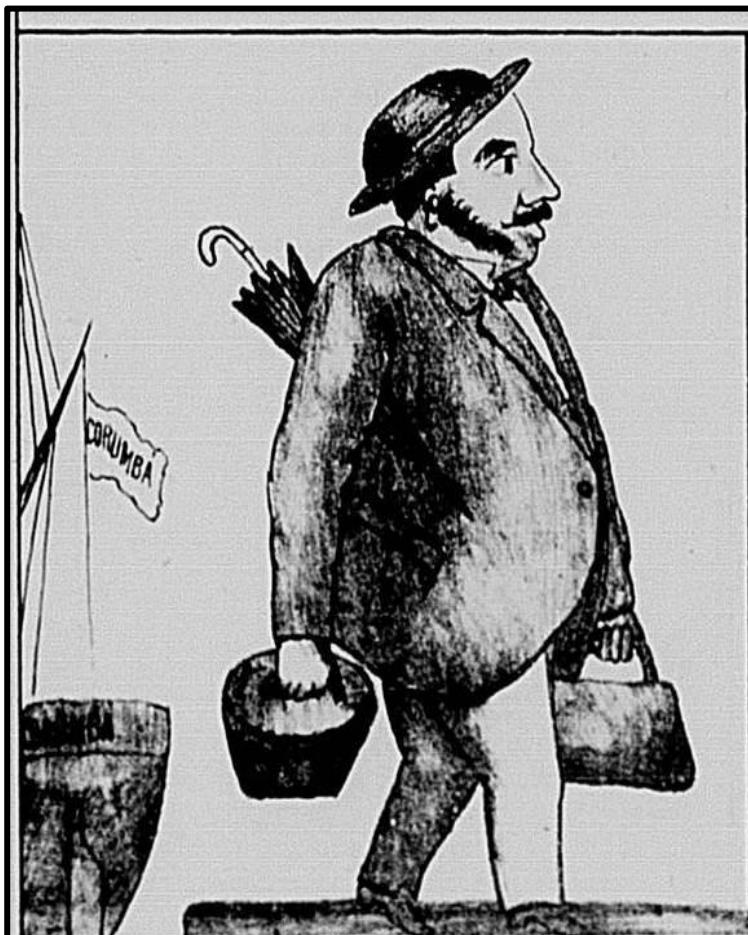


— Oh ! meu amigo, esta carne é de cachorro ?
— Não senhor, é de bife como Vmoe..... vê.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE

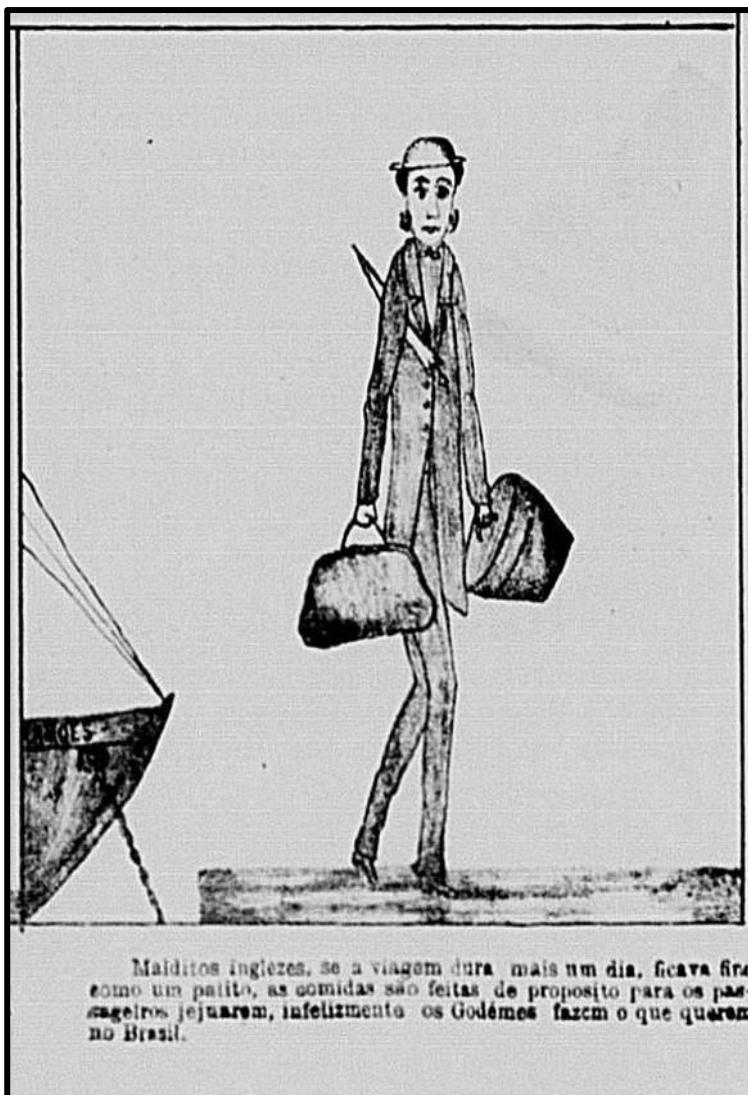


— Então com que os Srs. aumentarão o preço a carne verde?
— Fomos convidados a isso, e depois meu caro, a carne que vendemos hoje é madura.

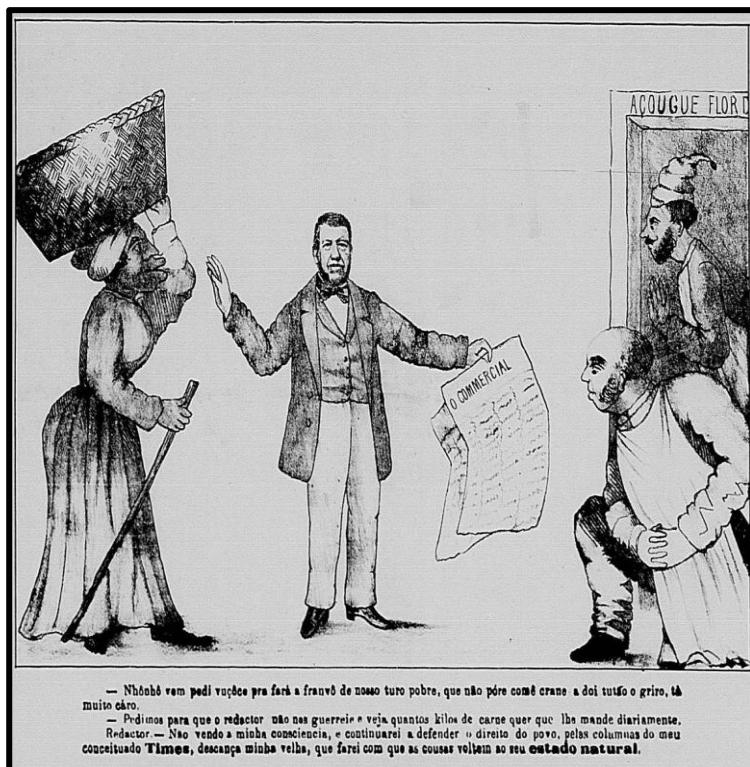


Abençoada seja a boa gente do *Centro Sul*, tratarão-me perfeitamente bem, em tão poucos dias de viagem, engordei que não é brincadeira, ali come-se, bebe-se, dorme-se e ronca-se, tudo a brasileira.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



Malditos ingleses, se a viagem dura mais um dia, ficava fina como um paílito, as comidas são feitas de propósito para os passageiros jejuarem, infelizmente os Godémes fazem o que querem no Brasil.



Ainda no que se refere à crítica de costumes, o periódico apresentou “Diferentes amolações”, inspirando-se em seu título para apontar por meio de versos vários dos elementos da sociedade que mereceriam ser “amolados”:

À mocinha que namora
E aos namoros dá bola,
Vai-lhe cascando com alma...
Amola!

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

À usura que espolia,
Na desgraça tudo enrola,
Rebolo com ela... e zás!...
Amola!

Ao poeta apaixonado,
Que dá mil tratos à bola,
Fazendo versos à bela...
Amola!

À menina que ainda aprende
O – ABC – na escola,
Porém que toda se enfeita...
Amola!

Ao peralta que fareja
Uma noiva a ver se cola
Um bom dote, que o arranje...
Amola!

À mulher velhota e feia,
Que se enfeita e se engaiola,
Peneirando-se na rua...
Amola!

À solteira, que manhosa
Espertezas desenrola,
Fazendo-se uma santinha...
Amola!

Ao empregado que medra
Da nação à parca esmola
E que levanta sobrados...
Amola!

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Ao que rebaixa as virtudes,
As derroca e as assola,
Sendo o primeiro no vício...
Amola!

A quem as leis do bom senso
Calca aos pés e a viola...
Não dês quartel, vai-lhe dando...
Amola!

Ao casado que se julga
Nos tempos de rapazola
E que sonha seduções...
Amola!

À viúva que se esquece
Do defunto e se consola,
Dando sota-casa outro...
Amola!

Ao coroado velhaquete,
De capa, batina, estola
Se não andar direitinho...
Amola!

À casada que o marido
Entre meiguices embola...
E chora quanto ele parte...
Amola!

Ao fanfarrão militar,
Que em bravatas é farsola,
Dar-lhe para baixo, é favor...
Amola!

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

Ao charlata empertigado
Não largues, anda na cola
E se fizer mil proezas...
Amola!

Ao mesário de irmandades,
Que na capa de carola
Vai fazendo o seu ganchinho...
Amola!

Ao pobre, que pouco a pouco
Vai cogulando a sacola
Sem ter herdado um vintém...
Amola!

Ao arlequim de partidos,
Que é bom mestre em cabriola,
Saltando daqui para ali...
Amola!

Porque somente a virtude...
Com essa jamais se bole!...
Perversidade e vícios...
Amole!

Quem não quiser ser filado
Nas baixezas não se atole!...
Tendo a razão por seu lado...
Amole!

Não faça caso de gritos,
Cada qual se console...
Àquele que mais gritar
Amole!

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Que esse mesmo é um culpado,
Que um dos ossos não engole...
Por isso deixe-o falar...

Amole!

E se julga que eu também
Tenho o meu fraco, meu mole...
Dê-me com alma e vontade...
Amole, meu caro, amole!... (O AMOLADOR, 24
maio 1874)

As constantes desavenças promovidas pelo tom crítico do *Amolador* levariam a uma vigilância próxima da polícia e, como era difícil resistir à força, o chanfalho da autoridade acabaria levando a melhor nos atritos com o pasquineiro. Dessa maneira, Alves Meira, a fim de evitar uma “desgraça”, que se tornava cada vez mais ameaçadora, achou prudente ganhar a porta dos fundos e, a 31 de março de 1875, transferia gratuitamente a responsabilidade do periódico ao seu empregado João Alves Ferreira. Nessa ocasião, o antigo redator-proprietário afirmava que, terminando a sua missão, agradecia a todos os cavalheiros que honraram a folha caricata com as suas assinaturas e manifestava um voto de gratidão aos “inteligentes colaboradores” que tantos serviços lhe prestaram. Comunicava ainda que, se por acaso voltasse ao terreno da imprensa, esperava ser acolhido pela mesma forma com que fora, desde o começo daquele periódico. E despedia-se jocosamente, enviando um sincero aperto de mão aos seus amigos e camaradas, enquanto as seus desafetos, desejava saúde, gordura e prosperidade¹⁹.

¹⁹ FERREIRA, 1962, p. 156-157.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

A mudança de proprietário levaria o *Amolador* a renovar seus intentos e conteúdo programático:

O Amolador, no quinto trimestre de sua publicação, passa ao mesmo tempo a novo proprietário. Pesa, portanto, hoje sobre os nossos débeis ombros a mais melindrosa das tarefas. E, se para o empreendimento de tão nobre missão faltam-nos os dotes intelectuais, sobra-nos a coragem necessária para, fielmente cumprindo o programa que se segue, guiar *O Amolador* ao fim a que se destina, trilhando com honra e sempre com verdadeiro denodo e dignidade o espinhoso e difícil caminho da imprensa, pois bem sabemos que, se na carreira que encetamos teremos dias de verdadeira glória, também conhecemos quantos amargores e por quantos pesares teremos de passar. Não importa, sobrinos o ânimo para tudo arrostar em defesa dos direitos do povo sem que um só momento *O Amolador* se arrede dos foros de imprensa honesta e sem que seus humorísticos escritos e caricatos desenhos possam ferir as suscetibilidades nem mesmo profanar o lar das famílias. Alheio completamente aos partidos políticos que se debatem na província, *O Amolador* tratará só dos interesses que mais de perto possam influir no futuro engrandecimento do lugar em que vê a luz. Não podendo acompanhar, pela sua publicação apenas aos domingos, a seus colegas da imprensa nas questões que se suscitarem, tomará, entretanto, uma parte bem ativa na causa do pobre oprimido pelo rico despótico, sendo sempre seus artigos na altura do sublime sacerdócio da imprensa. A honra e a probidade do cidadão terão sempre lugar distinto nas

ilustradas páginas do nosso jornal. Com benévolas palavras e a justiça devida, apreciaremos os atos das autoridades constituídas, sempre que tais atos sejam dignos de menção honrosa, assim como teremos a precisa energia para, em devidos termos, censurarmos essas mesmas autoridades quando se desviarem da órbita da lei. Tanto a redação do jornal como a parte caricata estão confiadas a pessoas dignamente habilitadas para bem preencherem seus respectivos cargos. Eis aqui, esboçados em toscos traços, a marcha que para o futuro tem de guiar o já conhecido *Amolador* (O AMOLADOR, 4 abr. 1875).²⁰

Apesar do “programa” ameno no que tange ao espírito crítico, o semanário não deixou de continuar promovendo o jornalismo opinativo que era a característica marcante dos caricatos, realizando significativas censuras aos mais variados setores da sociedade. Uma das maiores ênfases em tais manifestações críticas ainda era representada pela crítica à ação dos políticos. Foi o caso de uma satírica e pilhérica matéria intitulada “definições políticas”, na qual eram conceituados vários elementos constitutivos da vida pública nacional. Nesse texto, a eleição era apontada como um jogo de prendas muito divertido, no qual o que ganhava tinha de subir um poleiro, por uma escada e o chiste estava em ganhá-lo sem ter prendas para exibir, iludindo os pobres de espírito. Já a câmara era definida como um lugar próprio para coisas inteiramente opostas, ou seja, dormir e falar,

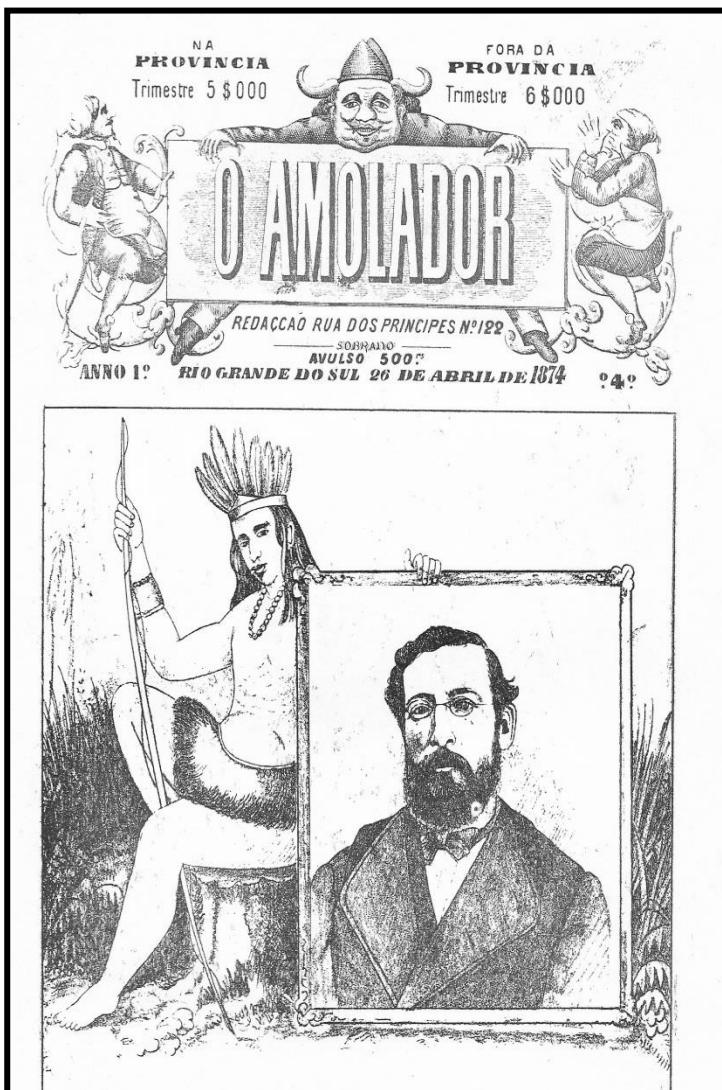
²⁰ Citado por FERREIRA, 1962, p. 157-158.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

acontecendo por vezes darem-se as duas coisas a um só tempo, isto é, quando um falava, todos os outros dormiam. O cansaço era visto como sinônimo de retirada forçada do poleiro. O deputado, por sua vez, seria, salvas exceções, o homem pago pelo povo para fazer e dizer o contrário do que este queria e para advogar a sua própria causa e a dos parentes e aderentes (AMOLADOR, 25 jul. 1875).

Apesar das críticas, o *Amolador* buscou também homenagear figuras proeminentes em sua primeira página, dentre essas, destacavam-se os retratos de lideranças do partido liberal. Um político com presença garantida no semanário foi Gaspar Silveira Martins, considerado como um “grande orador” e uma “verdadeira glória” rio-grandense. Para o periódico, tal “glória”, valia uma “epopeia” e, esta, por sua vez, valeria um “compêndio de virtudes cívicas, abnegação e sabedoria”, diante da qual o “juízo imparcial da história” algum dia reconheceria a “verdade” contida naquelas poucas linhas que a redação da folha se aprazia com orgulho em tornar públicas. Nos desenhos, Silveira Martins era representado tendo seu quadro emoldurado e guardado por uma figura indígena, simbolizando o povo brasileiro que estaria a reverenciar o chefe político (AMOLADOR, 26 abr. 1874). Martins ainda viria a aparecer vencendo um deputado conservador, em um “duelo”, no parlamento (AMOLADOR, 6 maio 1874); e também recebendo os agradecimentos do próprio semanário, da municipalidade e da província, pela “feliz notícia” de ter o governo imperial aprovado os novos traçados da estrada de ferro entre Rio Grande e Pelotas (AMOLADOR, 20 nov. 1875).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



"Página de honra" a Silveira Martins
(figura extraída de FERREIRA, 1962)

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

Não era empreitada fácil manter em atividade um representante da pequena imprensa e o semanário caricato teve diversos problemas para sustentar sua circulação, a maior parte deles advinha do não pagamento das assinaturas, levando à constante publicação de “avisos” aos assinantes, solicitando que os mesmos saldassem suas dívidas. A situação se agravaria em julho de 1875, quando o primeiro proprietário, Gaspar Alves Meira, retomando a tipografia, começou a editar *O Diabrete*. Com *O Amolador* passando a ser impresso na Tipografia do *Artista*, resistiria pouco tempo à concorrência da nova folha caricata. Em sua última edição, ainda avisava que, pela última vez rogava aos seus assinantes que se achavam em atraso com suas assinaturas o obséquio de saldarem seus débitos aos encarregados da cobrança. Foi realmente o “último aviso”, pois o jornal só duraria até aquele número de 25 de dezembro de 1875, servira, porém, para abrir caminho a um dos mais populares gêneros de imprensa na cidade do Rio Grande daquela época.

O desaparecimento do *Amolador* se coadunava com uma das características da imprensa caricata riograndina pela qual foram curtos os períodos em que dois jornais desse gênero conseguiram coexistir simultaneamente. Nesse sentido, o surgimento do *Diabrete*, com maiores recursos, tanto no setor material e técnico quanto no literário e ilustrado²¹, foi decisivo para a extinção daquele caricato pioneiro. Os hebdomadários ilustrado-humorísticos, para disputar um lugar ao sol com os grandes jornais diários, ofereciam um padrão gráfico e editorial calcado no humor, alternativo àqueles

²¹ FERREIRA, 1962, p. 160.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

considerados como representantes da “imprensa séria”, mas, ainda que o terreno fosse fértil, o espaço para o seu desenvolvimento era razoavelmente restrito, não sendo suficiente para duas folhas do mesmo gênero. Assim, como típico representante da pequena imprensa, o *Amolador* durou pouco, mas sua presença foi significativa à medida que inaugurou a tradição do gosto pela caricatura tão intrínseco à cidade do Rio Grande naquelas últimas décadas do século XIX.

Um inseto díptero na imprensa rio-grandina: o surgimento do *Maruí*

O caráter incisivo era marca registrada dos semanários ilustrado-humorísticos voltados à sátira e à caricatura, ficando tal característica muitas vezes refletida no próprio título que escolhiam para si. Esse foi o caso da publicação caricata rio-grandina *Maruí*, cuja denominação vincula-se ao termo “maruí”, ou “maruim”, referindo-se a um inseto díptero da família dos Quironomídeos. Assim, a exemplo de outros periódicos que adotaram denominações de insetos, o nome *Maruí* revelava as intenções do semanário, executando, analogicamente, as atitudes de um inseto, ou seja, “picar”, “produzir ardor ou comichão”, promovendo intensa agitação na sociedade da urbe portuária²².

O hebdomadário começou a circular em 4 de janeiro de 1880, seguindo os padrões das folhas caricatas da época, possuindo oito páginas, divididas meio a meio entre textos e desenhos. Em seu frontispício, apresentava-se como “periódico ilustrado, satírico e recreativo”. Sua impressão era realizada em tipografia/litografia própria e o custo de sua assinatura variou de 14\$000 ao ano; 7\$500 ao semestre; e 4\$000 ao

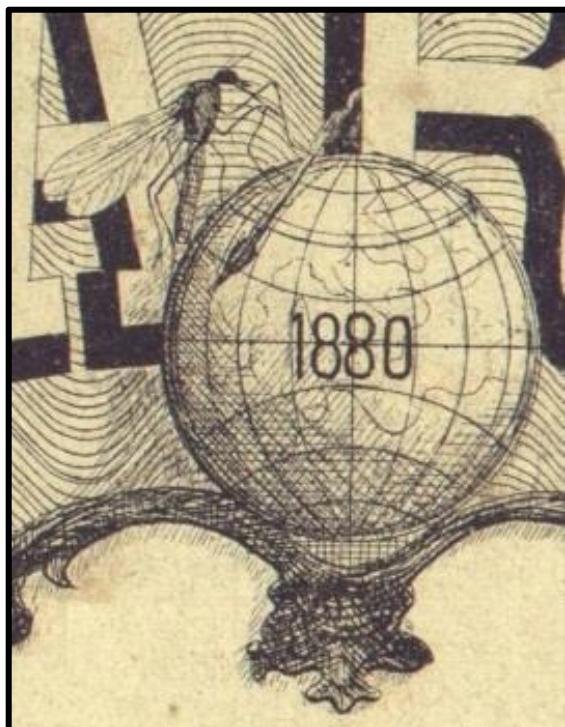
²² ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 194-195.

trimestre, passando posteriormente para 16\$000 (ano); 9\$000 (semestre) e 5\$000 (trimestre). Suas edições semanais saíam aos domingos. O *Maruí* ofereceu ao povo rio-grandino muitas páginas de sátira, bastante apreciáveis e, em muitas ocasiões, foi feliz na animação de seus bonecos postos em movimento com graça e oportunidade²³.

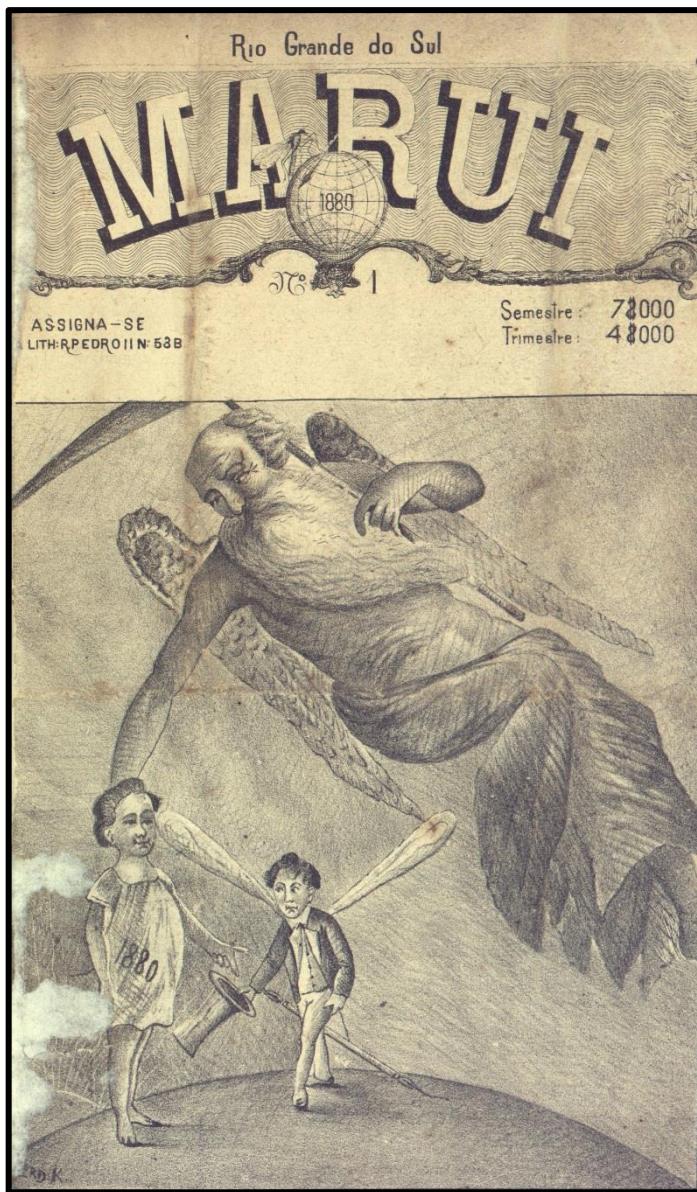
A presença do inseto díptero foi bastante marcante na edição original do *Maruí*, estando no cabeçalho da publicação, acompanhado de um crayon, lápis especial utilizado pelo caricaturista, que se tornou verdadeiro símbolo da arte caricatural. Também esteve indiretamente presente na primeira página do número inicial, na qual aparecia a tradicional passagem do ano, com o “velho” (1879), comunicando ao “novo” (1880): “Meu filho, encontrarás aí na Terra o *Maruí*, que aguarda a tua presença para ilustrar teus fatos”. A gravura era complementada pela representação redacional mais recorrente que o periódico adotaria, ou seja, uma espécie de bobo da corte, outra simbologia da caricatura, vestindo trajes contemporâneos, mas a referência ao inseto vinha nas asas que tal figura tinha às costas (MARUÍ, 4 jan. 1880).

²³ FERREIRA, Athos Damasceno. *Artes plásticas no Rio Grande do Sul (1755-1900)*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 342-343.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



- detalhe -



ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

O *Maruí* expressou seu programa na forma de um poemeto satírico, no qual havia várias referências figuradas ao inseto e à sua ação (marcadas em negrito):

O meu programa defini-o
Sem rodeios, francamente:
Pretendo ver se enriqueço
Trabalhando honestamente.

Às donzelas rio-grandenses
Venho pedir proteção,
Sabendo que elas possuem
Um sensível coração.

Abri, pois, as vossas bolsas
Ao travesso Maruí,
Se estiverem recheadas
Não sairei mais daqui!

Eu sou um pequeno inseto
Ligeiro, alegre e taful,
A volitar buliçoso
Por estas plagas do sul!

Tranquilizai-vos, leitoras,
Não tem veneno o ferrão,
Posso, pois, em vossos rostos
Ir dar um leve chupão!

Não vou manchar minhas asas
Pelo lodo dos pauis,
Desprendo o voo ligeiro
Só nos espaços azuis!

Vossas bolsas sejam flores
Em que chupe o Maruí;

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Se vossos risos brotarem
Não hei de siar daqui!

Não irei aos aposentos
Das esposas recatadas,
Ferir alheios melindres
Com grosseiras assoadas.

A vós também mocidade
Dos clubes carnavalescos,
Que alegrais a sociedade
Com vossos ditos burlescos;

Que desfraldais sempre às auras
O garboso pavilhão,
Pedimos o vosso auxílio
Sem recear um *carão*!

Imprensa da minha terra,
Forte, ousada paladina
Que pregais os vossos programas
Em toda e qualquer esquina;

E vós também, ó sectários
Da chinesa emigração,
Sineiros, padres, marujos
E Jacinto garrafão;

Atendei: abri as portas
Ao zunidor Maruí,
Que vos dará mais prazeres
Que a cachaça Parati!

Se por acaso, indiscreto
For pousar num toucador,
Não tende susto, leitoras,

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

Não faço intrigas de amor!

Alegre como as crianças,
Franco, honesto e folgazão,
Quero abrir as minhas asas
Ao quente sol do verão!

Gozar a vida, que é breve,
Sempre a rir, sempre a brincar,
Desprezando vãs tristezas
Num constante volitar!

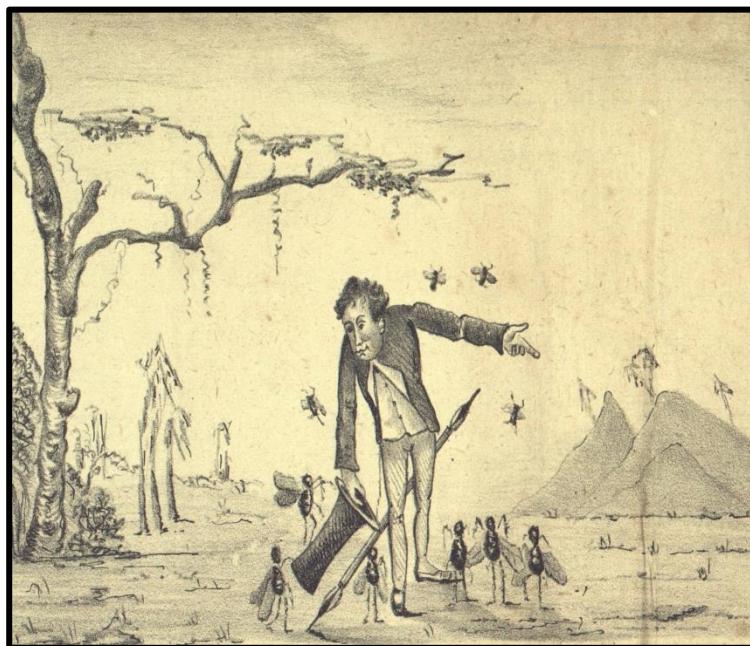
Se me dais algumas *notas*
Conto pilhérias a mil;
(Mas essa *notas* que sejam
Do tesouro do Brasil)!

Eis o meu programa
Variado, apetitoso!...
E sem mais, caros fregueses,
Eu me despeço saudoso!

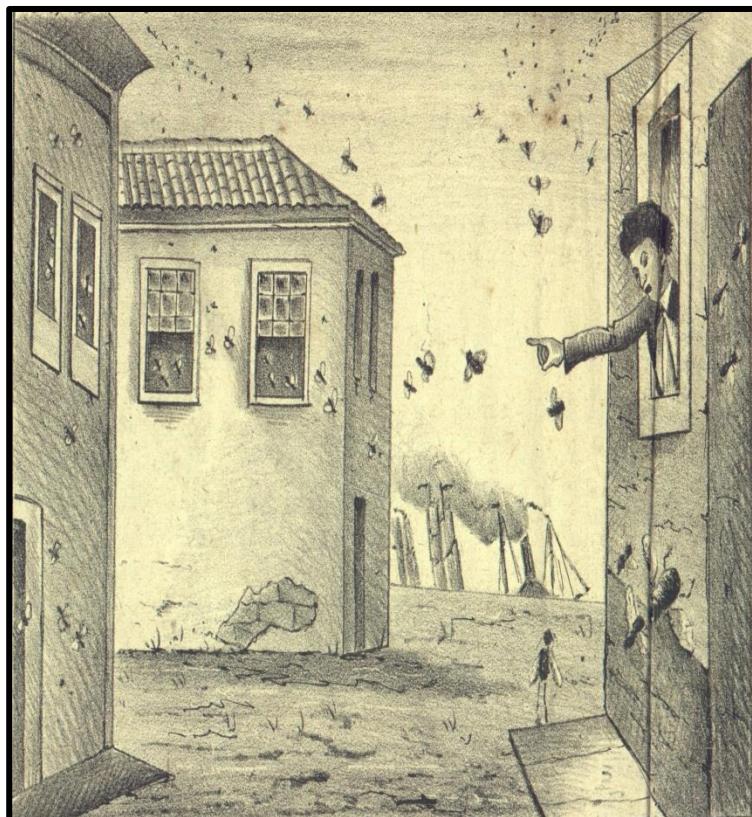
Maruí
(MARUÍ, 4 jan. 1880)

A presença do maruí ocorreu também nas primeiras ilustrações publicadas pelo periódico, como aquela em que o bobo da corte hodierno, com sua cartola e seu crayon, tratava os insetos como seus emissários, ou seja, os repórteres que deveriam voar em busca de notícias. Na legenda, havia mais uma nova apresentação, dizendo o personagem: "Sou criado de V. S., chamo-me *Maruí*, filho das brenhas do sertão... Tenho de apresentar-me desta forma para lidar com gente da cidade...". Ainda vinha a esclarecer que: "São matutos estes meus repórteres: *rezingam e mordem*. Não faça caso,

deve-se dar-lhes o devido desconto". Em outra cena, o mesmo personagem, à janela do escritório do periódico, bem próximo ao cais do porto, ordenava que os dípteros saíssem em busca de informações, afirmando: "Andem... andem... Vão à cata das notícias. Nada de indagar à vida privada. O público quer assunto que lhe agrade". As asas do bôbo da corte apareciam ainda de forma bastante tênue, no desenho em que ele mostrava o livro dos assinantes, e apontava para o desejo de obter novos favorecedores: "Ilustre e respeitável público desta briosa província, desejo que tenha boa saída e ótimas entradas"; e "Quanto a mim, opino pelas ótimas entradas. Entendem?..." (MARUÍ, 4 jan. 1880).



ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



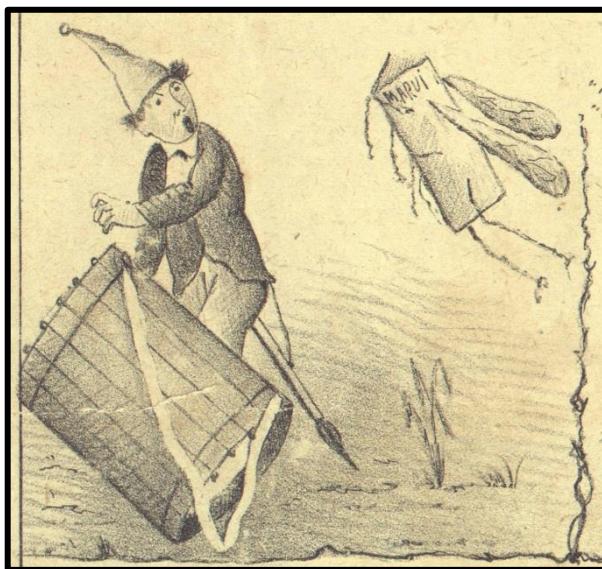


Na última página da edição original, houve mais uma vez a inserção da figura do díptero, ainda que de

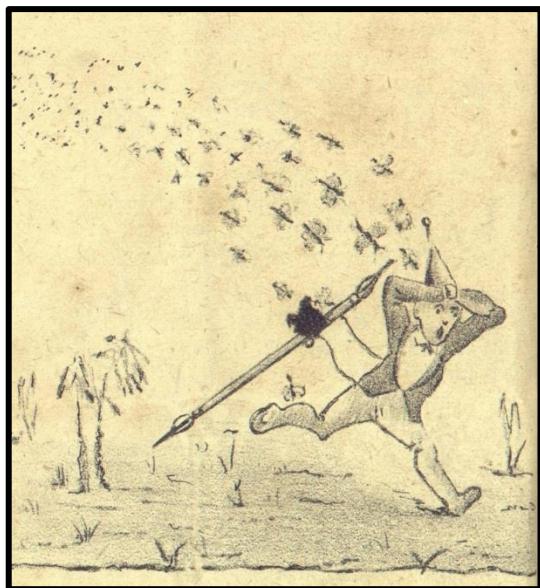
ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

modo figurado. O título do conjunto caricatural era “Peripécias de um zoilo”, referindo-se às desventuras de um crítico presumido e mordaz, motivado pela inveja ou má vontade. O alvo do ataque era o outro periódico ilustrado-humorístico que à época circulava no Rio Grande, *O Diabrete*, que era representando pela figura clássica do bobo da corte, portando o gorro original e o crayon. Inicialmente, ele estaria a bater tambor, no sentido do estardalhaço que pretendia promover com sua ação, para, em seguida, perder seu instrumento de percussão, ao surpreender-se com a presença do concorrente, designado por um exemplar do *Maruí* com as asas do inseto que lhe dava o título. Nos outros desenhos, o bobo era assolado por uma nuvem de maruís, que voavam em sua direção, chegando a lhe derrubar, vindo a deixá-lo apavorado. Ainda que adaptasse (com a utilização do itálico), o coletivo daquele gênero insetífero, o novo semanário já tentava demonstrar sua força diante do concorrente, ao declarar: “Não fica impune quem nos invade as atribuições, alardeando, sem prévia licença o nosso aparecimento”, o “que é o mesmo que dizer – mexeu com a *colmeia* e viu o resultado” (MARUÍ, 4 jan. 1880).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE





A recepção do *Maruí* pelos colegas de imprensa da cidade do Rio Grande teve por um lado o caráter protocolar e simpático de parte de um representante da imprensa diária. Nessa linha, o *Diário do Rio Grande* mantinha a nota usual de recepção a novos periódicos, informando que recebera “o primeiro número do *Maruí*, jornal ilustrado de caricaturas com publicação hebdomadária nesta cidade”. Comentava que “as gravuras são espirituosas” e “a parte escrita tem o mérito da crítica recreativa, que agrada e não ofende”. Ao final,

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

o diário saudava o *Maruí*, desejando-lhe “longa estabilidade” (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 5 jan. 1880).

Já o outro representante do periodismo ilustrado-humorístico citadino, *O Diabrete*, não foi nem um pouco cortês com o novo companheiro de imprensa. Nesse sentido, carregando nas cores da ironia, dizia: “*Maruí* – recebemos um jornalzinho ilustrado com esse título, que saiu da *bem* montada oficina litográfica de um tal Gonzales”. A respeito do novel periódico, o mais veterano comentava que nos “encheu as medidas, tanto a parte ilustrada como o texto”, que “são de um espírito surpreendente”, de modo que, “palavrinha de honra, tivemos calafrios e dissemos logo com os nossos botões: – este rival mata-nos!...” (*O DIABRETE*, 11 jan. 1880).

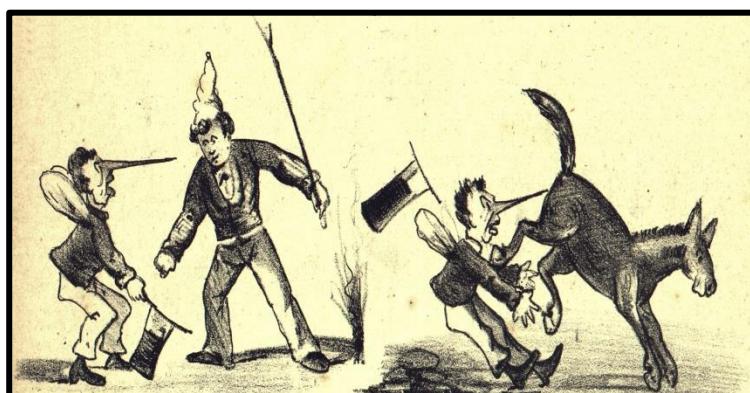
O Diabrete também reservaria espaço em seu segmento ilustrado para a recepção ao recém-lançado periódico caricato, mostrando, na primeira página, o seu tradicional bobo da corte, puxando a orelha do moderno bobo-*maruí*, ameaçando-lhe com um pedaço de pau avisando: “cresça e apareça, do contrário lhe aplicamos este chá de casca de vaca”. Havia também uma resposta direta ao conjunto caricatural publicado pelo *Maruí*, com *O Diabrete* apresentando “Peripécias de um bobo”, mostrando tal personagem, como uma criança a brincar em um cavalo de pau, mas demonstrando que já tinha ferrão e questionando se viria a ser bem recebido em meio ao público. Ele chegava a pedir a opinião do *Diabrete*, mas, mais uma vez era recebido ameaçadoramente, ao passo que, em outra tentativa, levava um coice de um equino. Ainda assim, persistia na tentativa de vender seu “jornalzinho”, mas com resultados nulos, chegando a levar um chute nos fundilhos e, ao fim, carregando vários exemplares que

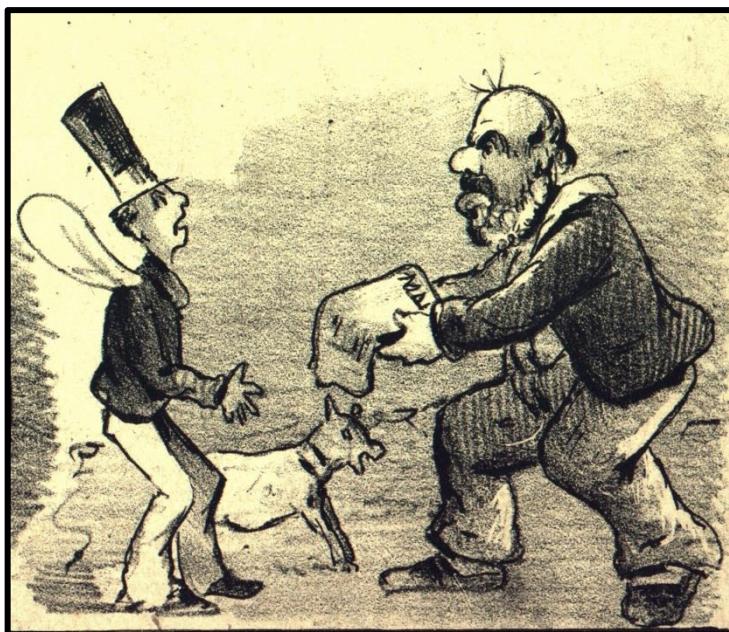
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

não conseguira distribuir, reclamava que “todos prometeram-me e todos faltaram-me” (O DIABRETE, 11 jan. 1880). Os ataques persistiam em outra edição, como ao mostrar um favorecedor devolvendo o periódico para o bobo-maruí, em sinal da desistência da assinatura, uma vez que já tinha “muito mosquito em casa” (O DIABRETE, 18 jan. 1880).



ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE





A inspiração do inseto díptero permaneceria no título do *Maruí* até o final da sua existência e no frontispício, junto ao globo, até o número 36, de 5 de setembro de 1880, já que uma nova orientação, com a mudança de proprietário traria um novo design para o periódico. Mas a perspectiva dos maruís como emissários da reportagem e a figura do bobo da corte/maruí, despareceriam imediatamente. Já na segunda edição, o representante da redação do semanário passava a ser apenas o bobo da corte em vestimentas hodiernas, como ao saudar o público e os assinantes, dedicando-lhes um buquê de flores e afirmando: “O *Maruí*, grato aos seus favorecedores, apresenta-lhes os protestos de seu reconhecimento”.

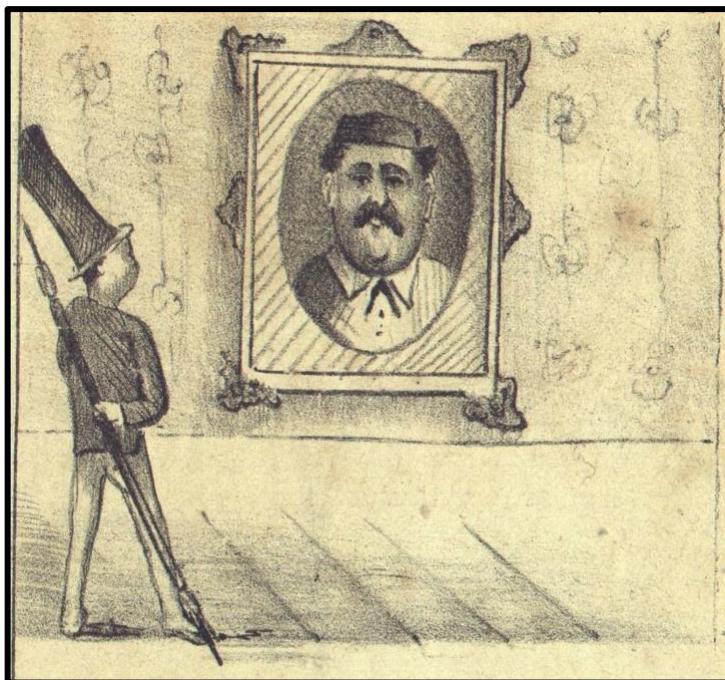
ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

Nessa primeira página, o personagem encontrava-se de frente, sem a possibilidade de visualização direta das asas, mas, nas demais ilustrações, ele era mostrado pelas costas, ao conversar com uma dama e apreciando um quadro, sem que houvesse a comparação da marca que lembrava o inseto (MARUÍ, 11 jan. 1880).



ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE





Ainda que tenha deixado de lado a representação imagética do inseto díptero, o periódico ilustrado-humorístico rio-grandino não abandonou seu título e muito menos a essência editorial que o mesmo lhe inspirava. Em seu conteúdo seriam abundantes os contundentes artigos de crítica política e social, que ganhavam ainda mais relevo na obra litográfica, com os mordazes desenhos que os completavam. A folha abriria baterias contra o que, naquele tempo, ela e seus congêneres costumavam chamar enfaticamente de vícios sociais e para cuja erradicação se propunha aviar a

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

panaceia heroica e decisiva²⁴. O maruí ou qualquer resquício de sua imagem poderiam até não mais surgir nas páginas do periódico, mas o *Maruí* não deixou de dar suas “picadas”, produzindo ardorosas reações em meio à comunidade rio-grandina.

²⁴ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 178-179.

O Bisturi e a oposição ao Eco do Sul à época imperial: um confronto imagético

O jogo político-partidário do período monárquico, com as constantes disputas pelo controle do aparelho do Estado teve na imprensa um elemento de difusão dos diferentes e divergentes ideários, bem como um veículo que servia para legitimar as ações e formas de pensar do aliado e deslegitimar as do adversário. Com vínculos menos ou mais estreitos com as agremiações partidárias, significativa parte dos periódicos apresentava algum tipo de identificação com as mesmas, em graus variáveis que iam desde uma singela e tênue simpatia, até a filiação propriamente dita, com a constituição de um órgão partidário. Nesse sentido, liberais e conservadores digladiaram-se através da palavra escrita, tendo as folhas impressas como verdadeiros arautos de suas causas.

Tal processo jornalístico ocorreria também em uma das mais progressistas urbes sul-rio-grandenses do século XIX, a cidade do Rio Grande, porto marítimo e entreposto comercial, que se tornou verdadeira porta de acesso à província. Em meio aos jornais rio-grandinos, conservadores e liberais desenvolveram profundos e profícios debates, cada qual promovendo suas ideias e combatendo as do rival. No contexto desses confrontamentos, um deles veio a ocorrer ao final da década de 1880, já nos estertores do modelo imperial,

quando uma folha ilustrada e humorística recém-criada, o *Bisturi*, confrontou abertamente o longevo jornal diário *Eco do Sul*, em um quadro pelo qual, aquele representava o pensamento dos liberais, e este o dos conservadores.

Dando continuidade a uma tradição da cidade do Rio Grande de possuir representantes da imprensa ilustrado-humorística circulando quase que ininterruptamente entre os anos 1870 e 1890, o *Bisturi* foi uma das publicações caricatas rio-grandinas de maior excelência em termos de feições gráficas. Tal folha passou a circular no ano de 1888 e permaneceu com edições regulares até 1893, para, posteriormente, manter uma existência mais irregular pelo menos até a metade da segunda década dos Novecentos. Em consonância com o seu gênero, o semanário praticou um jornalismo crítico-opinativo, não poupando recursos jocosos, satíricos e irônicos, mormente em suas composições iconográficas, para promover a crítica política, a social e a de costumes. Do ponto de vista partidário, o *Bisturi* mostrou-se próximo do ideário liberal, apoiando os administradores de tal matiz e censurando acidamente as ações dos políticos e homens públicos da grei conservadora²⁵.

O *Eco do Sul* foi um dos mais tradicionais periódicos diários rio-grandinos, possuindo uma existência bastante longeva, tendo circulado na comunidade portuária entre 1858 e 1934. Durante a

²⁵ A respeito do *Bisturi*, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 185-194.; e ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 219-243.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

época imperial, tal publicação manteve-se fiel ao ideário conservador e, dentre as edições diárias citadinas, foi uma das mais combativas pela causa dos conservadores, defendendo ardorosamente tal agremiação e criticando com veemência o pensamento e as práticas dos liberais. A proximidade partidária foi tão grande, que o *Eco* chegou a ostentar em seu frontispício o dístico de “órgão do Partido Conservador”. Nessa linha, desenvolveu potentes editoriais e artigos em prol da grei que defendia, bem como realizou larga propaganda dos potenciais candidatos conservadores notadamente em períodos eleitorais. Por outro lado, o diário rio-grandino não perdeu oportunidades para impor ferrenha oposição aos governos liberais²⁶.

As disputas entre os partidos políticos por meio da imprensa vinham ao encontro da construção de um conflito discursivo, a partir do qual se expressa uma contradição marcada pela promoção de uma situação de argumentação dialógica, com a gênese das oportunidades para o incremento às figuras de oposição²⁷. A partir de tais ações opositoras dava-se a luta caracterizada pela ação de forças opostas, que envolvem ideias, interesses e vontades²⁸. Fica então aberto o campo para atritos, choques e combates,

²⁶ Sobre o *Eco do Sul*, observar: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 271-363.

²⁷ CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 129.

²⁸ SHAW, Harry. *Dicionário de termos literários*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 116.

manifestos em atos de oposição entre ambos os contendores²⁹. Tal enfrentamento embasa-se assim em posturas antagônicas que refletem dois competidores com pensamentos e práticas colidentes, levando à deflagração de uma luta pela hegemonia de um deles³⁰.

De acordo com tal perspectiva, o *Bisturi* destinou várias de suas criações caricaturais para atacar frontalmente o *Eco do Sul*, por vezes designado pelos seus próprios articuladores redacionais, como o proprietário da empresa e/ou os jornalistas que atuavam na publicação, e, em outras, representado por construções imagéticas, alegóricas ou simbólicas, que traziam em si o entendimento do leitor quanto ao alvo que se pretendia atingir. A arte caricatural do hebdomadário serviu muito a contento para realizar críticas aos mais variados segmentos socioeconômicos e político-partidário-ideológicos, bem como na execução do papel moralizador que em geral tais humorísticos atribuíam a si mesmos, ao apontar as mazelas que afligiam a sociedade, propondo-se a denunciá-las e diagnosticar soluções para as mesmas. Nessa linha, nem mesmo os colegas de imprensa se livravam das censuras contundentes da folha caricata, fator que se potencializava no caso do *Eco do Sul*, tendo em vista as diferenças partidárias entre ambos.

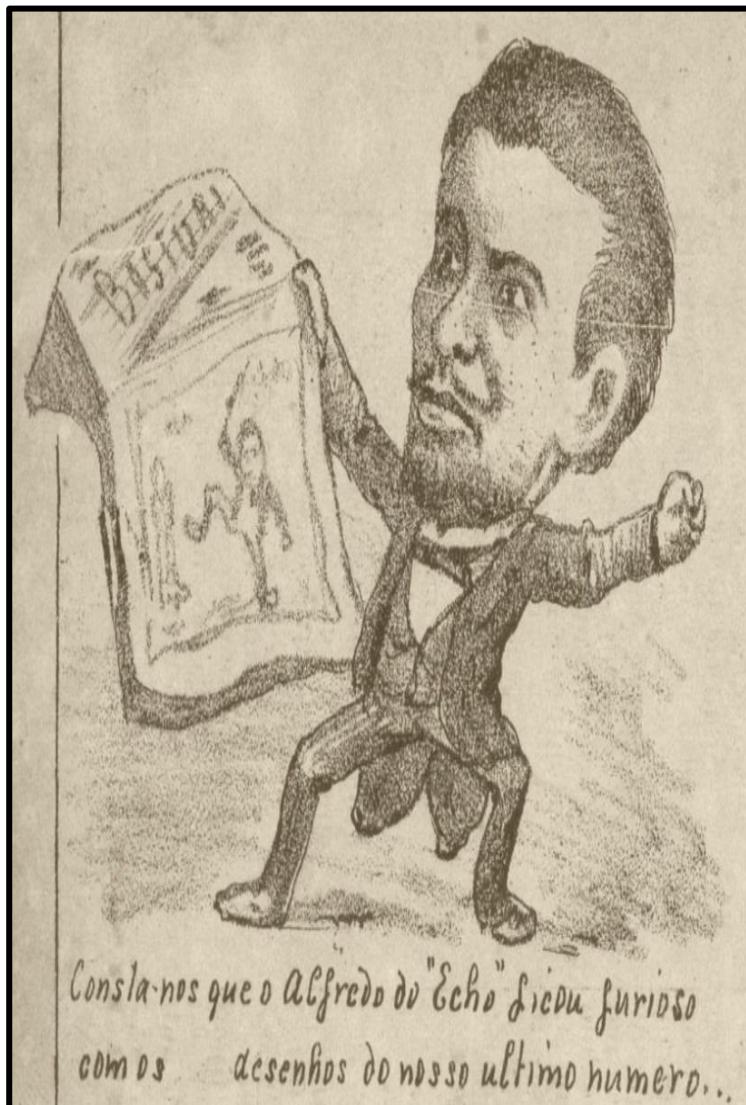
Em uma dessas primeiras incursões, o *Bisturi* mostrava o proprietário do *Eco* com um dos exemplares da folha caricata em mãos, indignadíssimo com os

²⁹ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 95.

³⁰ MARTINS, Eleni J. *Enunciação & diálogo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 180-181.

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

desenhos apresentados pelo semanário, para depois insinuar jocosamente que tanto o dono quanto o redator do diário tinham interesse pela mesma dama (BISTURI, 22 jul. 1888). Em outra caricatura, o noticiarista do *Artista* utilizava-se de uma palmatória para castigar o redator do *Eco do Sul*, lhe impondo uma punição pelo excesso de pedantismo que estaria a colocar em suas colunas (BISTURI, 10 set. 1888). Mais adiante as críticas se direcionavam não só para o redator do *Eco* como também para o responsável pela *Comédia Social*, folha satírica que circulava no Rio Grande, ambos apresentados em forma animalesca, um como um urso e outro na condição de um bicho-preguiça, demarcando que a atuação de ambos servia mais para divertir do que para informar o público leitor (BISTURI, 23 set. 1888).



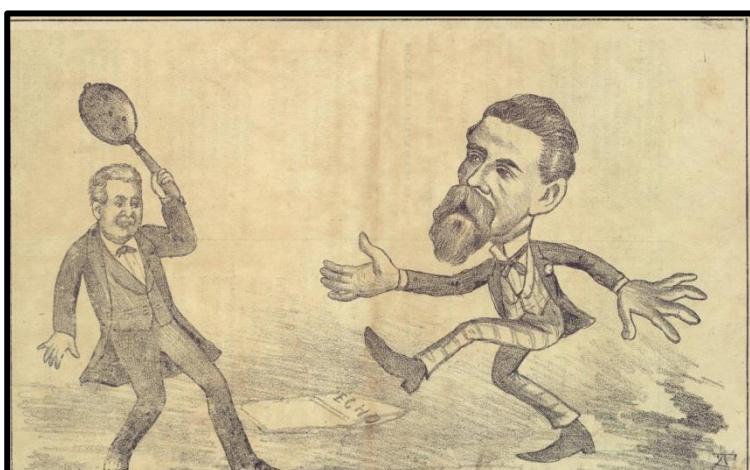
Consta-nos que o Alfredo da "Echo" ficou furioso
com os desenhos do nosso ultimo numero...

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE





Sallo -: Delphina, não sou um rapaz galante?
juras... amar-me; só amim, à mais ninguém?
— juro-te sim, só ali à mais ninguém!..



O redactor do "Artista" seguindo o exemplo do delegado de Cangussu, castiga rigorosamente à belas, e pedantismo do redactor do "Echo". E' demais collega, se indulgente para os pobres de espirito....

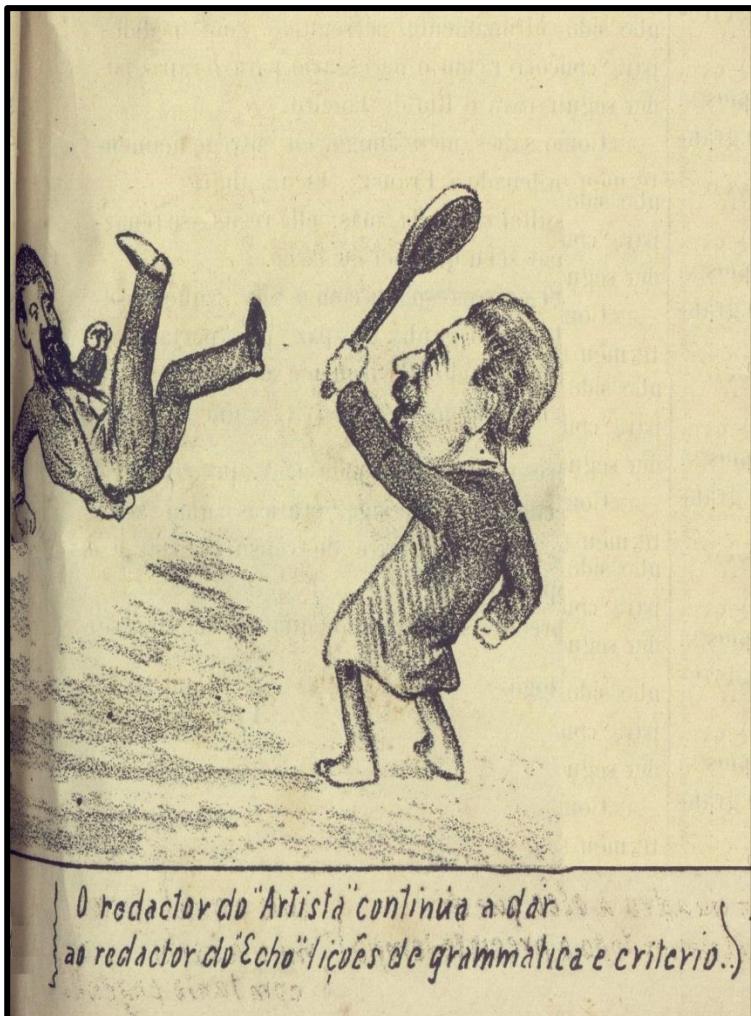
ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



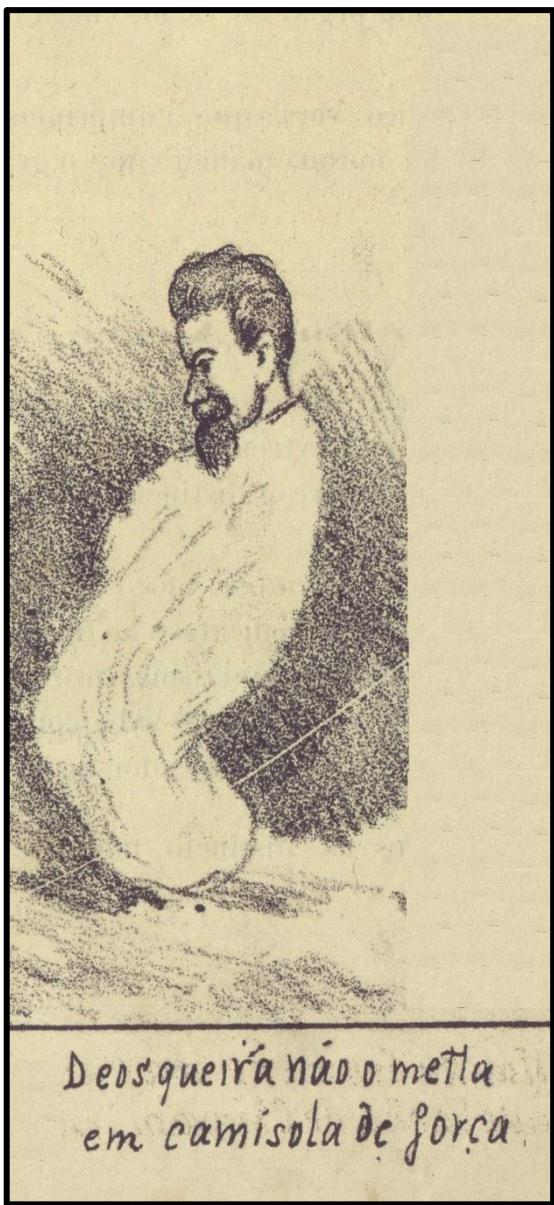
Referindo-se às desavenças entre o *Artista* e o *Eco*, o *Bisturi* mostrava mais uma vez o redator da primeira folha simbolicamente atingindo o da outra com uma férula, estando assim a empreender “lições de gramática e critério”. Segundo o hebdomadário aquele tipo de tratamento poderia levar à loucura do escritor público empregado do *Eco do Sul*, obrigando-lhe a utilizar uma camisa de força (BISTURI, 7 out. 1888). Levando em conta uma exposição que se organizava no Rio Grande, o semanário caricato realizou sua própria mostra, envolvendo vários elementos considerados como prejudiciais à comunidade portuária, englobando temas como transportes, colonização, serviços públicos, festejos e necessidade de reformas urbanas. No conjunto de

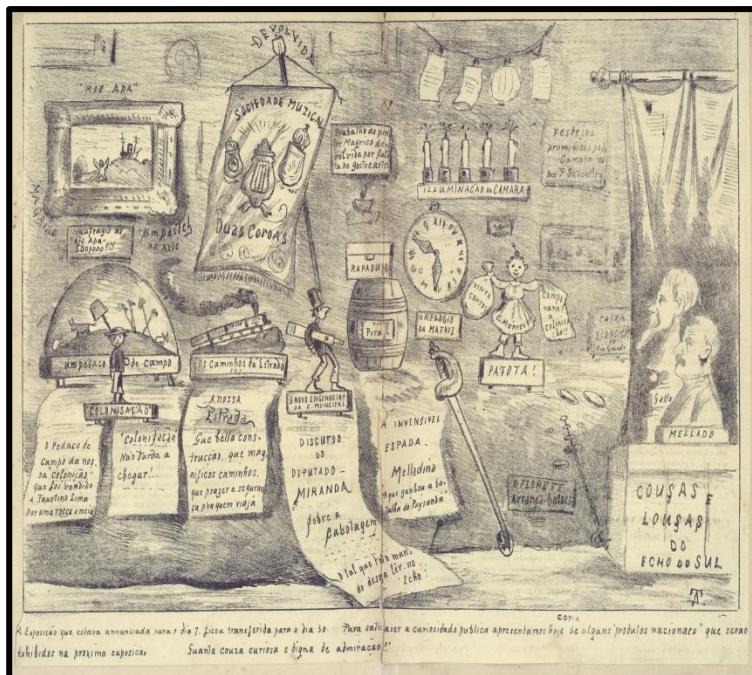
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

desenhos, a presença do *Eco* se dava com dois dos responsáveis pelas folhas que estariam a se considerar tão importantes, que mereceriam ter seus bustos fazendo parte da exposição (BISTURI, 20 jan. 1889).



ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE

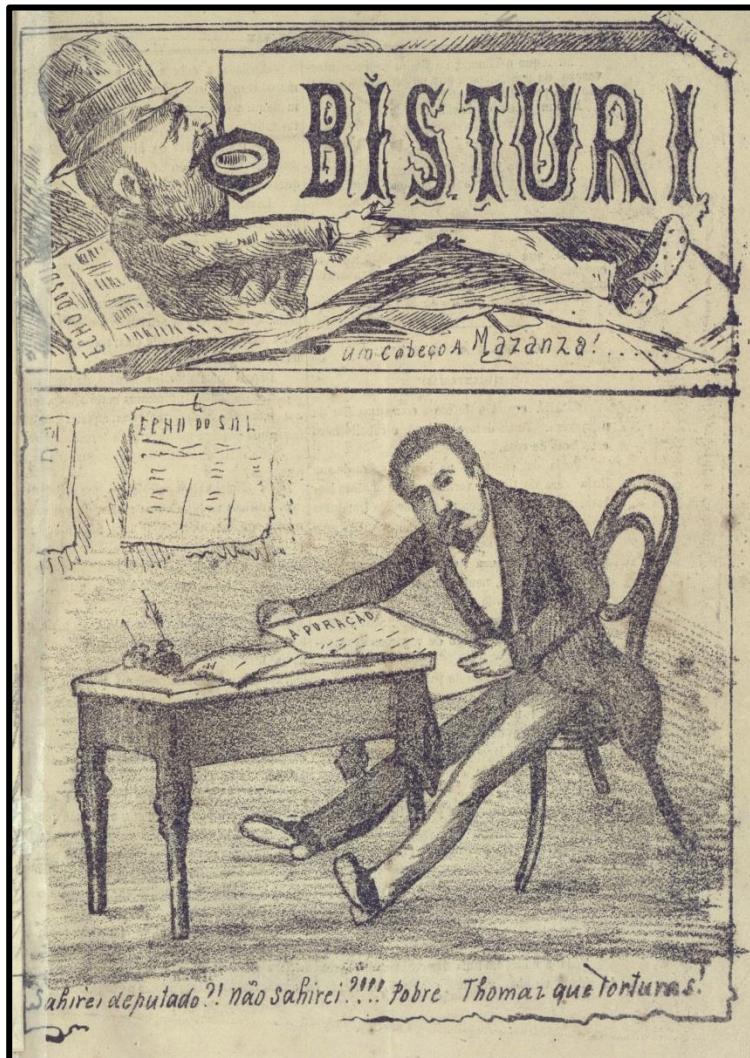




Na gravura de capa, o *Bisturi* satirizava um membro da redação do diário conservador, preocupado com a sua participação no meio político-eleitoral. Um esboço caricatural intitulado "Coisas burlescas", trazia bosquejados vários traços que desqualificavam o *Eco do Sul* e seus funcionários. No desenho palavras fortes como "imundo", "latrinário", "caluniador", "intrigante" e "sodomita", além da acusação quanto a atos violentos, eram desferidas contra o quadro funcional do diário, que, segundo tal concepção, deveriam largar a pena, por não serem compatíveis com a profissão do jornalista. As disputas entre o *Eco* e o *Artista* eram representadas como uma briga de cães, havendo o esforço do redator de

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE

outro diário, a *Gazeta Mercantil*, para aplacar a ira entre os contendores (BISTURI, 27 jan. 1889).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

Os redatores e o proprietário do *Eco* realizavam a leitura do adversário *Artista*, e, na concepção do *Bisturi*, discutiam a realização de um ato ilícito, premeditando a atitude de obterem alguém para se responsabilizar pela escritura de um artigo apresentado na folha conservadora (BISTURI, 13 fev. 1889). Os resultados político-partidários e eleitorais dos conservadores eram ridicularizados pelo hebdomadário, mostrando membros do partido, incluindo os responsáveis pela edição do *Eco*, todos cabisbaixos, em sinal da derrota, ao mesmo tempo em que mostrava tal derrocada como uma queda com a passagem do tempo, tanto do proprietário, quanto do jornal que dirigia (BISTURI, 19 jun. 1889).



Mellado: — Então Mazanza, estamos atrapalhados com a exhibição do autographo d' aquella maldicita e caluniosa verrina!...

Mazanza: — E' verdade, e a nossa dignidade?!

Alfredo: — Nada de perdermos tempo e vamos em procura de um "amigo" que queira assinar o tal artigo, mediante...

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



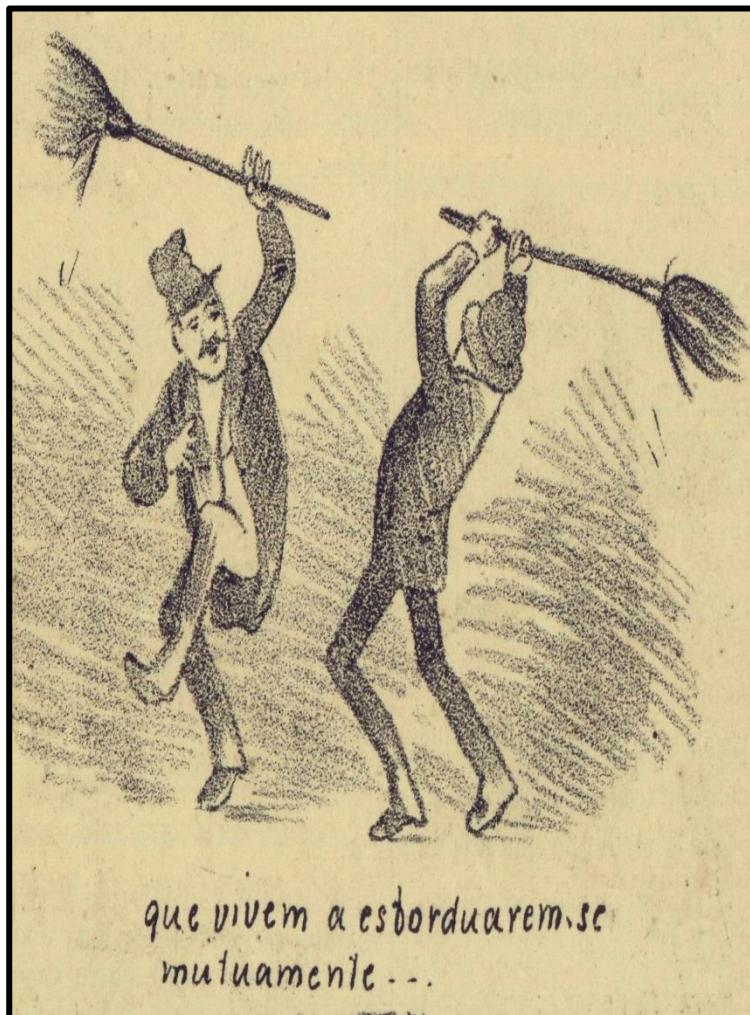
ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

Retratando novamente os conflitos entre o *Eco do Sul* e o *Artista*, a folha satírica e humorística rio-grandina representava os diários como homens sem cabeça, ou seja, que não utilizavam o intelecto para levar em frente a redação dos jornais. Em seguida, o confronto entre os dois periódicos era traduzido como uma briga de dois homens comuns, que se enfrentavam, com a utilização de vassouras (BISTURI, 28 jul. 1889). A redação do *Eco* era apresentada como um homem de máscara, com um tacape na mão indicando tratar-se da “calúnia”, a qual o diário estaria utilizando em larga escala, ao passo que outro indivíduo atacava-o com as pauladas da “verdade”, deixando aquele prostrado e derrotado. A cena era assistida por uma figura alegórica, designada por uma imagem feminina alada, identificada com a “vergonha”. Um funcionário do *Eco* chegava a ser metamorfoseado em um ser zoomórfico e antropomórfico, com cabeça humana e corpo de serpente, com todo o sentido de maldade que tal animal traz em sua simbologia, estando o mesmo, supostamente de forma indevida, atentando “contra a reputação” de um cidadão (BISTURI, 27 out. 1889).

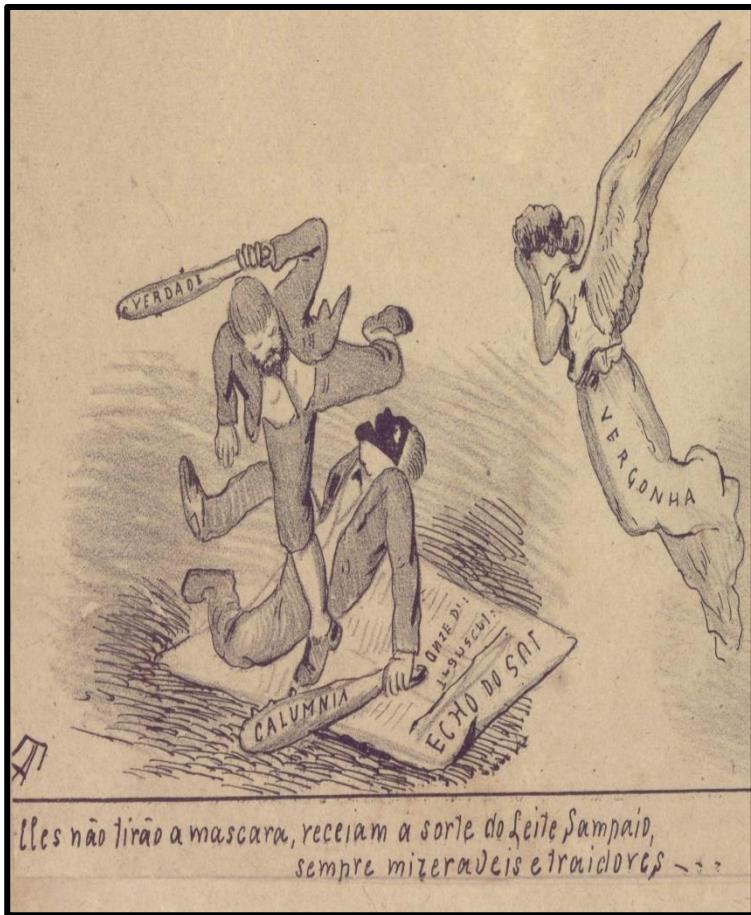


O que tem feito não ^{deixar} ainda a cabeça
como os collegas 'Artistas' 'Echo'

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE

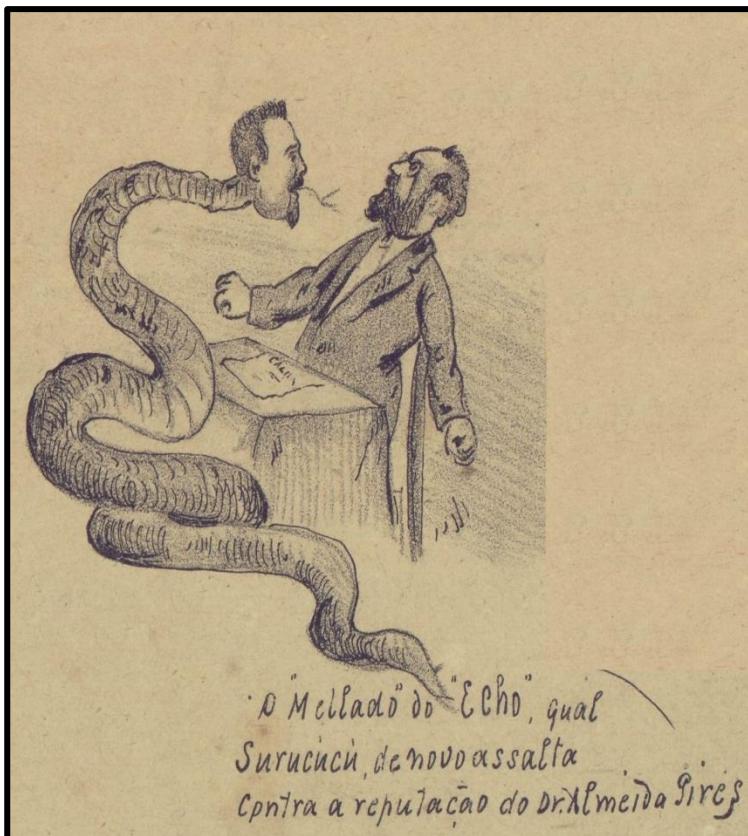


que vivem a esborduarem-se
mutuamente --.



“Eles não tirão a máscara, receiam a sorte do leite Sampaio,
sempre miseráveis e traidores ~ ~ ~

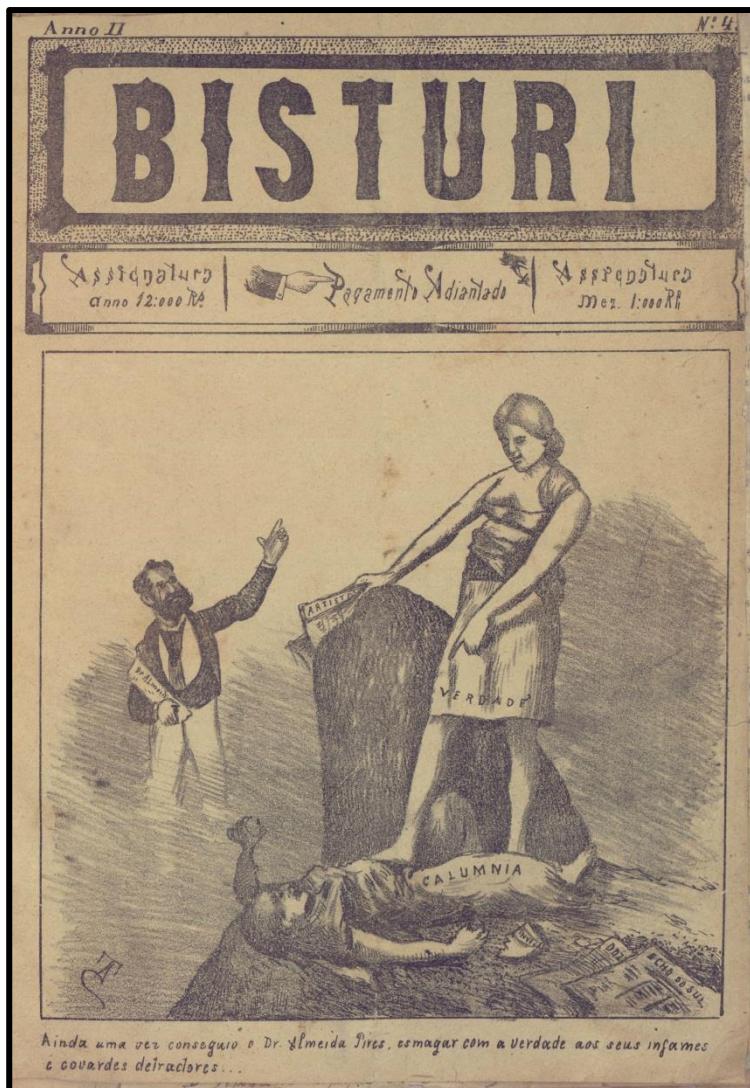
ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



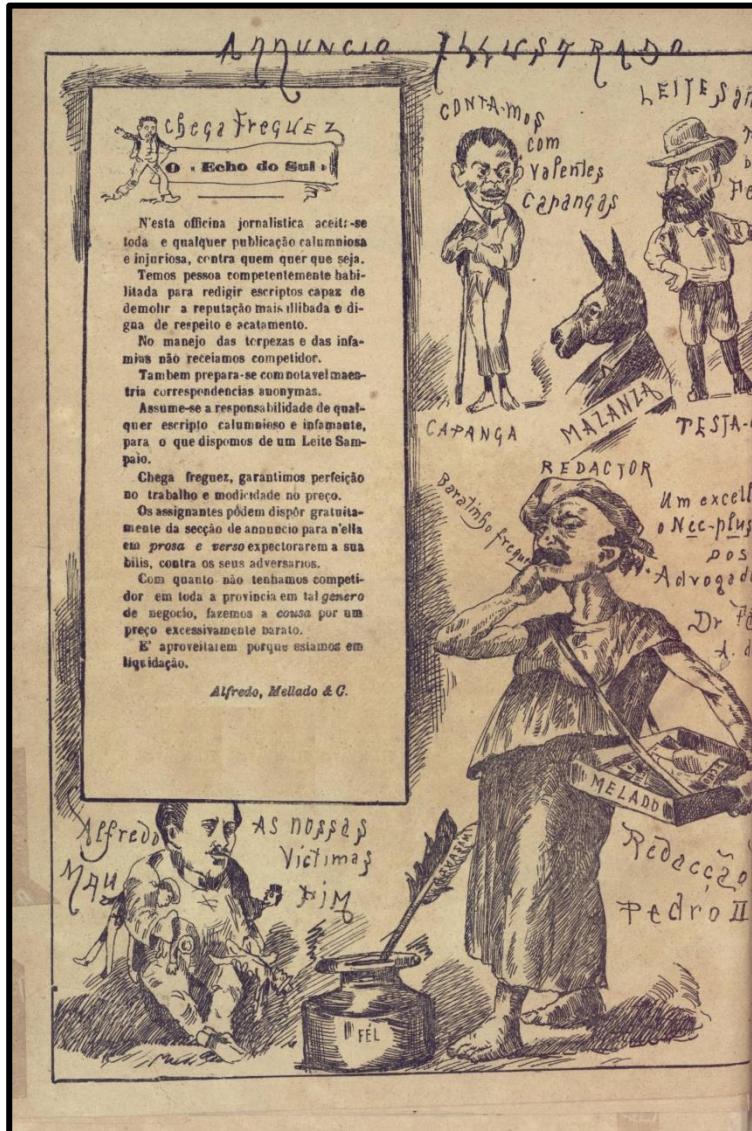
As representações alegóricas femininas também dominaram a capa de mais uma edição do *Bisturi* para promover críticas ao *Eco do Sul*. O personagem que era alvo das supostas inverdades propaladas pelo *Eco* observava a cena na qual a “mulher-verdade”, empunhando um exemplar do *Artista*, aparecia em postura vencedora, calcando a adversária aos pés, e acusando-lhe com o dedo indicador, ao passo que a outra, a “mulher-calúnia” era apresentada como

derrotada, caída ao chão, mesma situação de um número do *Eco*, buscando demonstrar a vitória da “verdade liberal” sobre a “calúnia conservadora” (BISTURI, 3 nov. 1889). Em outro bosquejo, o *Bisturi* comparava os funcionários do *Eco do Sul* a capangas que cometiam todo o tipo de atentado em nome de seu patrão. Além disso, criava um anúncio imaginário quanto à folha conservadora, dizendo que em sua “oficina jornalística” aceitava-se “toda e qualquer publicação caluniosa e injuriosa, contra quem quer que seja”. O falso reclame anunciava também que a redação era composta por gente “competentemente habilitada para redigir escritos capazes de demolir a reputação mais ilibada e digna de respeito e acatamento”. Os redatores do *Eco* seriam igualmente responsáveis pela elaboração de “torpezas”, “infâmias”, “correspondências anônimas”, além de calúnias e anúncios para atacarem, “em prosa e verso, os seus adversários” (BISTURI, 10 nov. 1889).

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

Assim, o *Bisturi* não poupou esforços para estabelecer apreciações críticas contra o *Eco do Sul*. Tais ataques faziam parte das censuras moralizantes normalmente praticadas pelas folhas ilustradas e humorísticas, na busca de eliminar as mazelas que atingiam a sociedade, de modo que o semanário colocava as atitudes do diário conservador como prejudiciais à comunidade portuária. Além disso, havia as tradicionais disputas entre a imprensa noticiosa, política e literária, que, tal como fazia o *Eco*, se colocavam como representantes do jornalismo dito “sério”, ao passo que as publicações caricatas, estariam em lado oposto, ao optarem pela sátira e o humor, mas que mantinham uma prática joco-séria, abordando temas graves sem deixar de lado a pilhária. Como pano de fundo, os embates do *Bisturi* para com o *Eco* prendiam-se às posturas político-partidárias diferenciadas de cada um dos periódicos, com a tradicional e histórica defesa dos conservadores por parte deste, e a aproximação daquele com os liberais. Mantendo o estilo crítico e contundente, o *Bisturi* abriu várias frentes de combate, conquistando pesadas inimizades e múltiplos adversários, dentre os quais o *Eco do Sul* foi um dos mais veementes.

O bobo da corte como representação redacional do *Bisturi* no nascedouro da forma republicana de governo

Em meio à imprensa ilustrada e humorística do século XIX foi típica a construção imagética de uma representação do próprio caricaturista. Vários dos semanários traziam algum tipo de desenho que figurativamente cumpria um papel na redação do periódico, normalmente vinculado às práticas da crítica política, da social e da de costumes, ou ainda, promovendo o olhar censório-moralizador sobre a sociedade. Dentre essas representações, uma das mais comuns foi a do bobo da corte, utilizado recorrentemente para designar a própria ação caricatural, uma vez que tal personagem é aquele que se refere em tom duro às coisas agradáveis e em tom jocoso às terríveis³¹. Nesse caso, a tendência satírico-humorística de tal gênero jornalístico agia na qualidade de uma chave para compreender os códigos culturais e as percepções do passado³². Dessa maneira, o humor e o riso advindos da caricatura também podem ser muito

³¹ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984. p. 120.

³² BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman. Prefácio. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 11.

libertadores, referindo-se à ação do bobo da corte, associada ao riso subversivo, que ridicularizava aqueles que estavam no poder e não diferia muito do riso revelado pelos senhores do desgoverno³³.

O bobo da corte foi uma das figuras que mais marcou as páginas dos jornais caricatos. Com origem remota, os bobos da corte constituíram em essência a representação cômica da sociedade, podendo, a partir do prisma humorístico até mesmo reverter a ordem social. Ele poderia dizer aquilo que o povo gostaria de dizer ao rei e, com ironia mostrava as duas faces da realidade, revelando as discordâncias íntimas e expondo as ambições do rei. O personagem tende também a ser encarado negativamente, como uma instituição característica da grosseria, ou seja, eram os anões, corcundas, jograis, bobos e doidos da corte, transformando os mais dolorosos estigmas da degenerescência humana em divertimento dos grandes da época³⁴. Quanto ao simbolismo, o bobo da corte constitui a inversão do rei, não sendo um personagem necessariamente cômico, mas sim dual³⁵. Tal qual um palhaço, o bobo da corte é tradicionalmente a figura do rei assassinado, simbolizando a inversão da compostura régia nos seus atavios, palavras e atitudes. Nesse quadro, a majestade passa a ser substituída pela chalaça

³³ BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman. Introdução: humor e história. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 15 e 23.

³⁴ LINS, Ivan. *A Idade Média, a cavalaria e as cruzadas*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 209.

³⁵ CIRLOT, 1984, p. 120

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE

e a irreverência; a soberania, pela ausência de toda a autoridade; o temor, pelo riso; a vitória pela derrota; os golpes dados pelos recebidos; as cerimônias as mais sagradas, pelo ridículo; e a morte, pela zombaria. Sinteticamente, ele é como que o reverso da medalha, o contrário da realeza, ou seja, a paródia encarnada³⁶. Nessa linha, o periodismo caricato incorporou muito a contento tal figura para trazer em si a sua representação³⁷.

O *Bisturi* utilizou-se largamente da alegoria do bobo da corte para realizar a sua representação redacional, de modo que tal figura passou por várias circunstâncias e contingências na atribulada época em que o periódico circulou, marcada pela transição entre os tempos monárquicos e republicanos. Tal bobo conviveu com o ambiente agitado da implantação da forma de governo republicana e, no breve período que se seguiu à proclamação, de meados de novembro ao final de dezembro de 1889, sua presença foi recorrente. Nas páginas do semanário ilustrado-humorístico, o personagem conviveu com frugais acontecimentos do cotidiano, mas também interagiu com a transformação mais ampla que se operava.

Logo após o 15 de Novembro, o bobo da corte aparecia a abanar-se, acalorado, constatando que, “apesar do grande calor e das alarmantes novas

³⁶ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 680.

³⁷ Contextualização elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Venturas e desventuras de um caricaturista no sul do Brasil: estudos acerca de Thadio Alves De Amorim*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2022. p. 17-19.

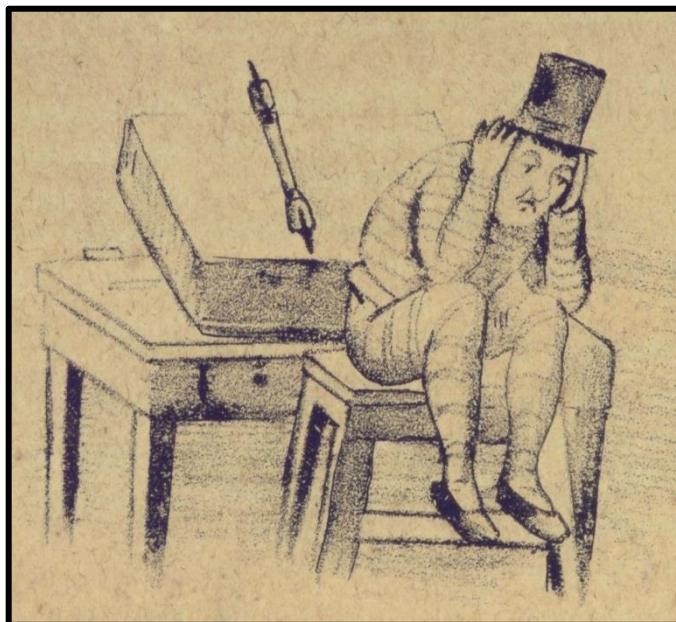
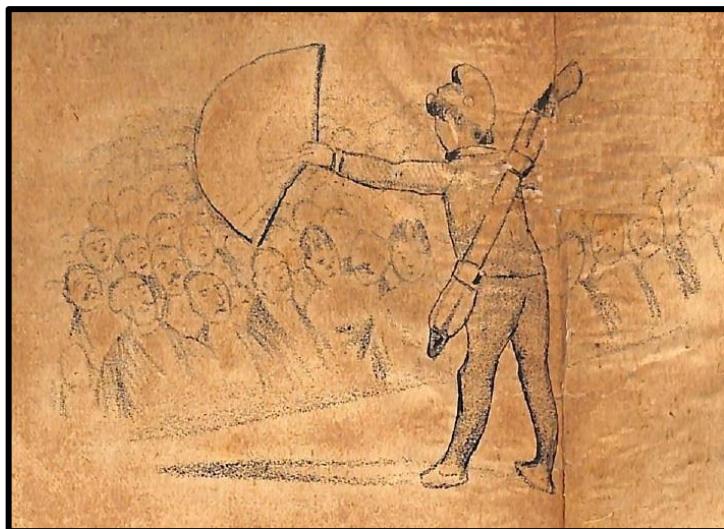
republicanas continuamos a gozar uma boa saúde". Munido de barrete frígio e de espada, em alusão ao republicanismo e ao militarismo que marcou a implantação do regime, o bobo demonstrava sua adesão, dizendo que "é com o maior orgulho e satisfação que participamos aos nossos numerosos amigos e assinantes, que aderimos à causa republicana". Em um palco, diante do público, anunciaava que reinava "a maior ordem em todos os cantos deste vasto" país (BISTURI, 24 nov. 1889). As confusões e incertezas que marcaram aqueles dias também passaram pela imagem do bobo, que aparecia sentado à mesa do caricaturista, confessando que "palavra que não sabemos por onde começar a ilustrar os fatos políticos da semana". Deslocando-se pelas ruas, chamava-lhe a atenção o fato de que "ninguém para em casa, apesar do calor que continua cada vez mais abrasador". Nas costas de um passante, ele observava a aglomeração de pessoas às portas dos escritórios jornalísticos, ávidas por notícias daquilo que transcorria pelo país. Voltando para casa, espantava-se com o constante foguetório, que acompanhava os novos informes, vindo depois a mostrar-se profunda intransquilidade, perante aquela "horrível incerteza" que tomava conta da comunidade portuária (BISTURI, 1º dez. 1889).

ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE

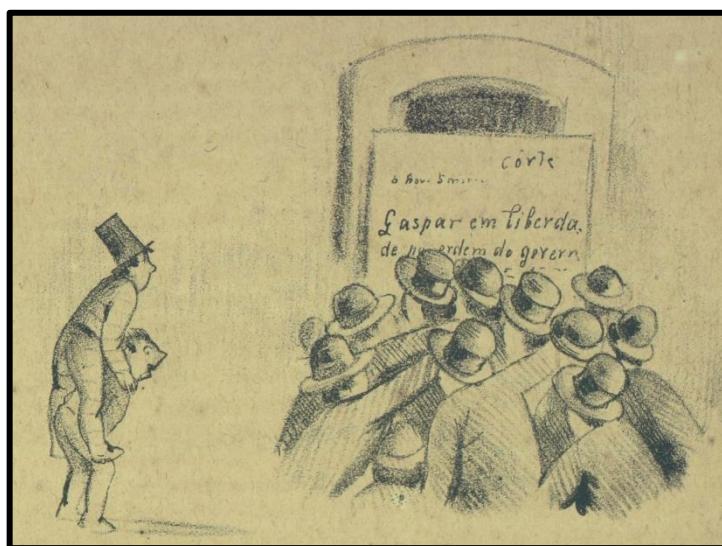




ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

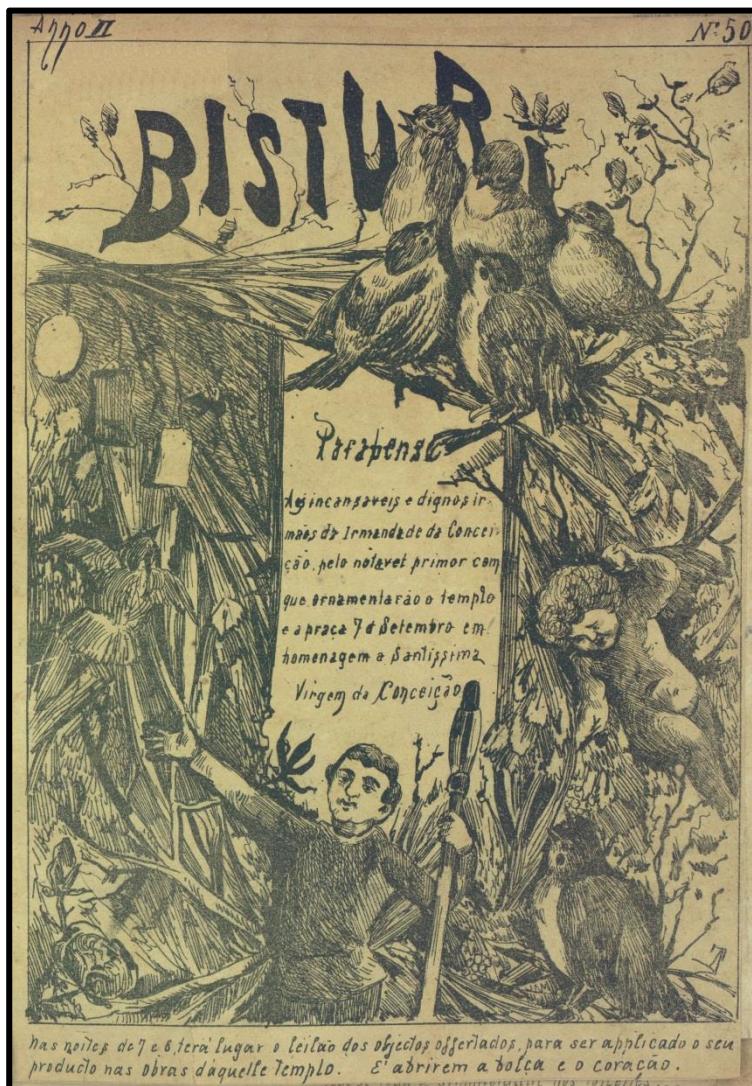


ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE

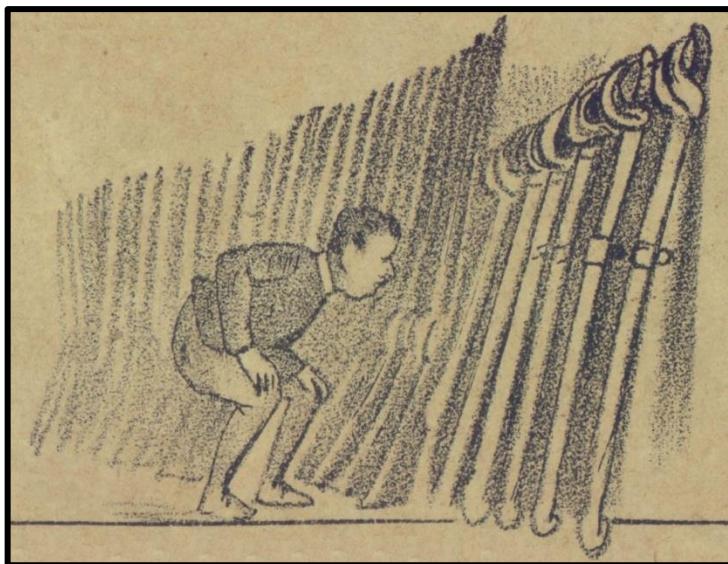


Questões do dia a dia também serviram de pretexto para a presença do bobo da corte, como ao anunciar, de crayon a mão, uma atividade realizada para arrecadar fundos em prol de eu uma igreja citadina, destacando as datas em que ocorreria um “leilão dos objetos ofertados, para ser aplicado o seu o produto nas obras daquele templo”, desejando que as pessoas viessem a “abrir a bolsa e o coração” (BISTURI, 8 dez. 1889). Voltando aos temas conjunturais, o semanário caricato, por meio do bobo, comentava algumas das medidas que marcavam o Governo Provisório que administrava a recém-implantada nova forma de governo. Nessa linha, ao final de um conjunto caricatural, o personagem inspecionava um conjunto de armas, constando com ironia que, apesar da aparente tranquilidade e do adesismo, a força militar ainda era um fator preponderante para os novos governantes, concluindo que “as adesões continuam” e “as espadas embainhadas, as espingardas desengatilhadas e os ânimos serenos...” (BISTURI, 15 dez. 1889). Na tradicional passagem de ano, no qual o “velho” (1889) entregava ao mundo o “novo” (1890), era o bobo da corte quem os recepcionava, afirmando mais uma vez em tom irônico quanto à tranquilidade nacional: “Pode soltar! Estamos aqui, não há novidade...” (BISTURI, 29 dez. 1889).

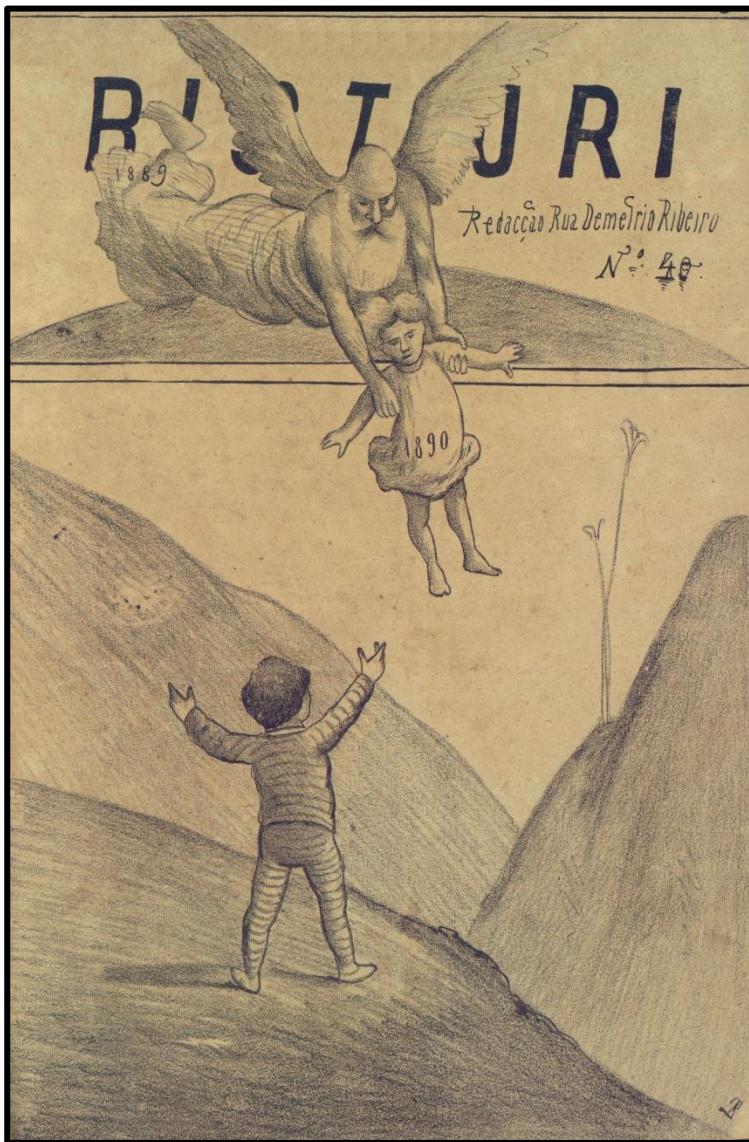
ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ESTUDOS SOBRE A ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO
RIO GRANDE



Desse modo, o bobo da corte representa a dualidade de todo o ser e da face do bufão que existe em cada um. Na corte dos reis, nos cortejos triunfais, nas peças cômicas, tal personagem está sempre presente, constituindo a outra face da realidade, aquela que a situação adquirida faz esquecer e para a qual se chama a atenção. Ele exprime o anódino com gravidade e, como brincadeira, as coisas mais graves, encarnando uma consciência irônica para com os eventos. Quando se mostra obediente é sempre ridicularizando a autoridade por um excesso de solicitude, já quando imita as esquisitices ou falhas das pessoas, o faz inclinando-se obsequiosamente³⁸. O bobo foi o personagem mais constante na representação redacional do *Bisturi*, acompanhando a maior parte da existência do periódico, como publicação de circulação regular. Este levantamento envolvendo um mês e meio das edições do semanário e suas visões para com a transição da época monárquica à republicana constitui uma brevíssima amostragem da relevância de tal personagem para expressar o olhar crítico, opinativo, satírico e joco-sério do hebdomadário rio-grandino.

³⁸ CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p. 147-148.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
ABERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

